



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

P395

REG. 254/68 L.1 F.9

BRANCA DE NEVE E OS 7 ANÕES

Censor:

Autore: Lucio Benedetti

Restrição:

Carimbo do S. C.

Autuação

Anexos:

~~PROC.- 395~~
~~LIV.- 01~~
~~PAG.- 08~~
~~REG.- 254~~

Distribuição

São Paulo, 9 de abril, de 1968.

Ilmo. Sr.

Diretor da Censura Federal



A Cia. de Teatro Infantil Alessandro Mammo, com sede, no teatro Brasileiro de Comédia, vem mui respeitosamente pedir sensurada peça infantil de Lucia Benedetti - "Branca de Neve e os Sete Anões" a ser estreiada no dia 1º de maio, às 10.30 Hrs. no Teatro Brasileiro de Comédia sito a rua Major Diogo, 315 - Bairro da Bela Vista - na capital de São Paulo.

N. B. Esta peça já foi sensurada pelo D.D.P., em 1967., e pelo juizado de Menores de São Paulo.

Na expectativa de sermos atendidos com a peculiar atenção de V. S.

Atenciosamente,

Cia. Teatral Alessandro Mammo

Alessandro Mammo



Reconhecida como de Utilidade Pública
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto
— de 1920. —



Filiada à Confederação Internacional das
Sociedades de Autores e Compositores,
— de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR LFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0213 1P3

Direitos de Representação

Autorização Nº 168000

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: *Branca de Neve e os 7 anões*.

Original de *Lucia Benedetti*

Música de

Tradução de

No Teatro *T.B.C.*

Cidade *A. Paulo*

Empresa *A. Menno*

Pela Cia.

nos dias *Para Censura da peça*

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.
— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0213, P. 01

CENSURA FEDERAL TEATRO



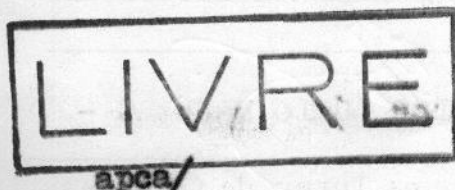
Certificado Nº 254/68

PEÇA -/ BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES -/

ORIGINAL DE LÚCIA BENEDETTI

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 09 de MAIO de 19 69
[Assinatura]
MANOEL FÉLIX DE SOUZA LEÃO NETO de 19 68
Brasília,



Chefe do S. C. D. P.

[Assinatura]

M. J. - D. F.
CERTIFICADO DO S.C.D.P.

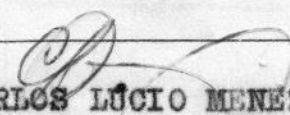
Certifico constar do livro nº -01- folha nº -09- de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES -/

Original de LÚCIA BENEDETTI
Tradução de _____
Adaptação de _____
Produção de CIA DE TEATRO INFANTIL ALESSANDRO MEMMO
Tendo sido censurada em 08 de M A I O de 19 68 e recebido a seguinte classificação: : L I V R E : -NENHUMA RESTRIÇÃO ETÁRIA-

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

09 M A I O 68
Brasília, _____ de _____ de 19 _____

BR 014055 NS.CPR.TEA.PTE. 0213, p.6


- CARLOS LÚCIO MENEZES -

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

76/5

Sr. Chefe do SCDP:

Parecer:

Peça: BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

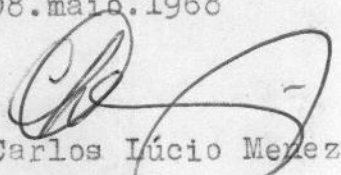
Autor: Lúcia Benedetti

Adaptação teatral do conto infantil, já notório, de uma Rainha malvada que por inveja tenta eliminar a sua enteada para poder ser considerada a mulher mais linda do mundo.

Apesar das doses de expectativa e perversidade (simuladamente anunciada), a peça pode ser liberada com a classificação de L I V R E.

S.M.J.

DF. 08.maio.1968

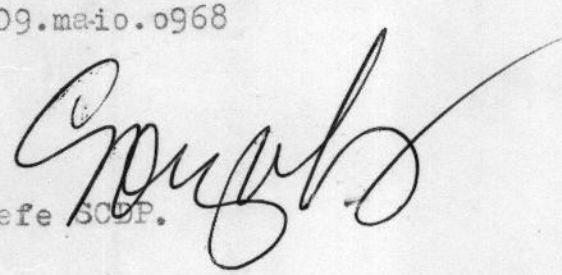

Carlos Lúcio Menezes - Censor Federal
1.282.938

++++++

DESPACHO:

Emitir Certificado de Censura, conforme voto do Censor.

DF. 09.maio.0968


Chefe SCDP.

Reg. 2657
L. 1. F 83

A

P 395

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Branca de Feve e o Sete Anos

DISTRIBUIÇÃO

PROC.-	395A
LIV.-	01
PAG.-	83
REG.-	2657

Lucia Benedetti

2
9

Ilmo Sr.

DELEGADO DA POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA - DF.

O "TEATRO EXPERIMENTAL DO MARANHÃO", vem mui respeitosamente solicitar de V.Sia, que se digne conceder o CERTIFICADO DE LIBERAÇÃO, da peça teatral infantil, "BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES" em 3 (três) atos, de LÚCIA BENEDETTI, para ser levada/em cena nos meses de junho e julho do corrente ano, no horário / vespertino.

Para tanto, enviamos anexo, 3 (três) cópias datilografadas, do texto acima citado.

Nestes termos,

P. Deferimentos.

São Luís(Ma), 08 de maio de 1.970.

Reynaldo Faray
REYNALDO FARAY - DIRETOR.

SÚMULA:

ENDEREÇO - TEATRO ARTUR AZEVEDO - S. Luís - Ma.
NOME - Reynaldo Faray
ESTADO - Maranhão
ANEXO 3 3 (três) cópias.

Recb em 11/06/70
[Signature]

3/
1

Ilmº Sr.

DELEGADO DA POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA - DF.

O "TEATRO EXPERIMENTAL DO MARANHÃO", vem nui respeito-
samente solicitar de V.Sª que se digne CONCEDER O CERTIFICADO DE
LIBERAÇÃO, da peça teatral infantil, "BRANCA DE NEVE E OS SETE /
ANÕES" em 3 (três) atos, de LÚCIA BENEDETTI, para ser levada em/
cena nos meses de junho e julho do corrente ano, no horário ves-
pertino.

Para tanto, enviamos anexo, 3 (três) cópias datilogra-
fadas, do texto acima citado.

Nestes termos,

P. Deferimentos.

São Luís (Ma), 08 de maio de 1.970.

Reynaldo Faray
REYNALDO FARY - DIRETOR.

SÚMULA:

ENDEREÇO - TEATRO ARTUR AZEVEDO - São Luís - Ma.
NOME - Reynaldo Faray
ESTADO - Maranhão
ANEXO - 3 (três) cópias.

4

Ilmo Sr.

DELEGADO DA POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA - DF.

O "TEATRO EXPERIMENTAL DO MARANHÃO", vem mui respeitosamente solicitar de V.Sª que se digne CONCEDER O CERTIFICADO DE LIBERAÇÃO, da peça teatral infantil, "BRANCA DE NEVE E OS SETE / ANÕES" em 3 (três) atos, de LÚCIA BENEDETTI, para ser levada em cena nos meses de junho e julho do corrente ano, no horário vespertino.

Para tanto, enviamos anexo, 3 (três) cópias datilografadas, do texto acima citado.

Nestes termos,

P. Deferimentos.

São Luís (Ma), 08 de maio de 1.970.

Reynaldo Faray
REYNALDO FARAY - DIRETOR.

SÍNULA:

ENDEREÇO - TEATRO ARTUR AZEVEDO - São Luís - Ma.

NOME - Reynaldo Faray

ESTADO - Maranhão

ANEXO - 3 (três) cópias.

5

Ilmo Sr.

DELEGADO DA POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA - DF.

O "TEATRO EXPERIMENTAL DO MARANHÃO", vem muito respeitosamente solicitar de V.Sa, que se digne conceder o CERTIFICADO/DE LIBERAÇÃO, da peça teatral infantil, "BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES" em 3 (três) atos, de LÚCIA BENEDETTI, para ser levada em cena nos meses de junho e julho do corrente ano, no horário / vespertino.

Para tanto, enviamos anexo, 3 (três) cópias datilografadas, do texto acima citado.

Nestes termos,

P. Deferimentos.

São Luís(Ma), 08 de maio de 1.970.

Reynaldo Faray
REYNALDO FARAY - DIRETOR.

SÍNULA:

ENDEREÇO - TEATRO ARTUR AZEVEDO - S. Luís - Ma.

NOME - Reynaldo Faray

ESTADO - Maranhão

ANEXO 3 3 (três) cópias.

Reconhecida como de Utilidade Pública
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto
— de 1920. —



Filiada a Confederação Internacional das
Sociedades de Autores e Compositores.
— de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0213, p.13

Direitos de Representação

Autorização Nº 193474

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: "*Bianca de neve e os 7 anões*"

Original de

Lucia Benedetti

Música de

Tradução de

No Teatro

Artur Azevedo

Cidade

São Luis

Empresa

Summano Humano Teatral

nos dias

7, 14, 21 e 28/6/70

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

10 % *dez por cento* da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr\$ *60.00* por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

São Luis

1

de

junho

4

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Antônio Martins
2º 18/51

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

7/9

"BRANCA DE NEVE"

Lúcia Benedetti

VOVÓ
AIA
ESPELHO
RAINHA
BRANCA DE NEVE
BOTABAIXO
ESCRAVO
OS SETE ANÕES
PRÍNCIPE

8

PRIMEIRO ATO

VOVÓ - Como tem passado, meus netinhos? Vou contar hoje a história de Branca de Neve. Era uma vez uma Rainha muito bonita, muito boa zinha, que só tinha uma tristeza na vida. Não tinha filhos. Era rainha de um país onde caía neve. Vocês sabem o que é neve? ~~XXXXXXXXXX~~
 Brancinha e macia, cai do céu como se fôsse chuva de algodão. Mas é gelo! A Rainha olhava a neve cair enquanto bordava. Um dia disse: ah, quem me dera ter uma filha tão branca como a neve. Olhou o bastidor, que era de ébano, uma madeira muito negra e disse: e que tivesse os cabelos tão negros como este ébano! Enquanto estava falando machucou o dedo com a agulha. Vendo uma gotinha de sangue, exclamou: e ela bem podia ter os lábios vermelhos, tão vermelhos como este sangue! Passava uma Fada por ali naquele instante e, ouvindo o que dizia a Rainha, falou: Assim seja! Por isso mesmo, algum tempo depois, a Rainha teve uma filha. Era uma menina tal como desejava. Branca como a neve de cabelos muito pretos e de lábios vermelhinhos. Mas a pobre Rainha não viu a filha crescer. Havia se esquecido de pedir isso enquanto a Fada estava ali. Morreu. O Rei - seu marido - chorou muito e depois casou outra vez. Então Branca de Neve, que era como se chamava a menina, passou a viver com a madrasta. A nova rainha era uma mulher muito bonita, mas muito invejosa e má. Enquanto Branca de Neve crescia e se tornava uma linda moçoinha, a Rainha só se ocupava com seus enfeites, seus vestidos e com um Espelho Mágico. Ora, o tempo foi passando, a Rainha começou a ficar menos bonita e Branca de Neve cada vez mais linda. Quando Branca de Neve já estava moça... bem, mas vejam vocês como se passou a história (ABRE-SE O PANO. "BOUDOIR" DA RAINHA. UMA AIA ESTÁ COSTURANDO. ESPELHO)

AIA (DESAFINADÍSSIMA, CANTANDO) - Uma princesa bonita
 Tinha uma aia bonita...
 A Rainha era bonita...
 Eu também sou bonitinha...

ESPELHO - (ZANGADO) - Para de cantar bbagens...

AIA - Bobagem por que? A Princesa não é bonita? A Rainha não é bonita?

ESPELHO - E você, é bonitinha... Pois sim!

AIA (Desafinada) - Canto mesmo. Você não vai me dizer que não gosta de ouvir cantar.

ESPELHO - Não. Eu vou dizer outra coisa muito diferente. Se você continuar cantando aqui, vou me queixar a Rainha.

AIA - Por que?

ESPELHO - Porque essa cantiguinha me deixa com dor de cabeça...

AIA (RINDO) - Veja só que Espelho mais convencido. Espelho tem cabeça? Onde já se viu isso?

ESPELHO (ORGULHOSO) - Tenho muitas. Tenho a minha e a de todos que olha m aqui em mim. Eu posso até ter dores de cabeça, ouviu?

AIA - Qual delas dói quando eu canto?

ESPELHO - Tôdas. Dá uma dor geral. Quando você canta até os passarinhos vão embora. Não há quem fique. So mesmo eu, que sou es cravo da Rainha, éé que tenho que aguentar...

~~XXXXXXXX~~ AIA - (IRRITADA) Você o que tem é inveja.

ESPELHO - Inveja? Por que?

AIA - Por que?... Ora, porque... porque...

ESPELHO - Diga!

AIA - Porque é escravo, não pode sair do lugar. Enquanto que eu saio da qui vou para a sala, da sala vou para o jardim, do jardim para a cizinha... Posso andar à vontade...

ESPELHO - (COM DESPEITO) - Grandecoisa...

AIA - Grande coisa, sim. Tanto é que daqui a pouco vai chegar o Príncipe. Eu vou velo, com estes dois olhos, sabe? Vou olha-lo bem. E você? Você fica aí num canto. Vê a Rainha se arrumar. Vê as aias se aproximarem com as jóias, os perfumes... mas, fora daí não vê mais nada!

ESPELHO - Que importa? Eu vejo todos os dias a mais bela mulher do mundo!

AIA (CAÇOANDO) - Hum... você nunca viu outra!

ESPELHO - Como não? Você não é mulher?

AIA - Ora, ora... eu não entro na conta. As outras aias também não. Olhe, quer saber de uma coisa? Você éé p espelho mais bôbo do mundo.

ESPELHO - Atrevida! Desafinada! Não é à-toa que você tem uma pipoca no nariz!

AIA (OLHANDO-SE) - A pipoca está diminuindo...

ESPELHO (RETIRANDO-SE) - Não venha olhar em mim. Tire essa cabeça daí que essa cabeça não me agrada.

AIA - Bobalhão!

ESPELHO - Bobalhão, nada! Você é que é bôba, que se julga muito importante só porque sabe andar! Pois ande, saia daqui de perto, vá para a cozinha. Lá é que é lugar de repólho!

AIA - Não me chame de repólho!

ESPELHO - Repólho! Repólho! (INDIGNADO) Ter a coragem de ofender o espelho mais célebre do mundo! Feia, desafinada, repólho!

AIA - Para com isso senão eu te transformo numa porção de cacos. (AMEAÇA)

ESPELHO - Socorro! Socorro!... (MÚSICA INTRODUZINDO A RAINHA) Aí vem a Rainha. Vou fazer queixa de você!...

RAINHA (ENTRANDO) - Mas o que é isto?

AIA - Nada, não, Majestade... eu estava cantando... (PARA O ESPELHO)
Se contar, já sabe...

ESPELHO - Majestade... Eu estava dizendo umas verdades a Aia e ela não gostou.

RAINHA (RINDO) - Já sei. Você deve ter tido que ela se parece com um repólho e tem uma pipoca no nariz...

ESPELHO - Exatamente.

RAINHA - Ora, Aia, você bem sabe que não é bonita... Não culpe o Espelho que ele está inocente. Quer ver como sabe dizer quando vê a pessoa bonita? (CANTA)

Diga Espelho, escravo meu,
Que sempre foi verdadeiro,
Mulher mais bela que eu
Havera no mundo inteiro?

ESPELHO (CANTANDO) Ninguém! Ninguém Ninguém!
Mais bela no mundo não tem!

RAINHA (Para a Aia) Vê? Ele sabe o que diz. Não seja presumida. Não pense que é bonita, porque não é...

AIA - Mas ele disse...

RAINHA (INTERROMPENDO) - Não quero saber de mais nada. Você preparou meu vestido de baile? Onde estão as jóias? Onde pôs meus sapatos de cetim? O Príncipe deve chegar a qualquer momento. Eu quero estar mais bela do que nunca. E ele irá dizer a todos os Príncipes do mundo que viu hoje a mais formosa Rainha da terra!

AIA (TIRANDO DE UMA ARCA UM VESTIDO DE BAILE) - Aqui está o vestido, aqui estão os sapatos, as jóias... (TIMIDAMENTE) E Branca de Neve não vai se vestir também?

RAINHA - Ora, Branca de Neve. Que importância tem Branca de Neve? O Príncipe não vai olhar para ela. Ele vem aqui para me conhecer.

AIA - Pensei que fôsse por causa de Branca de Neve...

RAINHA - Quem disse isso?

AIA - Todos dizem que ele está apaixonado... que quer se casar com ela.

RAINHA - Casar com Branca de Neve? Que absurdo!

AIA - Absurdo, por que? Ela já está mocinha. É bem bonita!

RAINHA - Cale-se! Se repetir isso, mando-lhe cortar a língua!

AIA - Todos acham, Majestade.

RAINHA - Cale-se, atrevida! Como ousa dizer isso à mais bela mulher do mundo?

AIA - Eu não quis ofender.

RAINHA - Mas ofendeu. E, por castigo, vai passar sete dias sem comer e sem dormir.

AIA - Ai, Majestade... Tenha piedade de mim...

RAINHA - E aí de quem tiver o atrevimento de lhe trazer, ainda que seja um grãozinho de arroz!

12

5

AIA - Majestade... (CHORANDO) Por piedade. Eu sinto sempre tanta fome!
... E tanto sono!...

RAINHA (PARA O ESPELHO) Você tomará conta dela. (PARA A AIA) O meu escravo fiel, que nunca dorme e que tudo vê, saberá me dizer se você dormiu ou comeu nestes sete dias!

ESPELHO - Pode ficar descansada, bela Rainha. Eu contarei tudo.

RAINHA (PARA A AIA) - Se me desobedecer, morrerá!

AIA - Eu vou ficar magrinha...

ESPELHO - E amarela...

RAINHA - Eu vou me vestir. Você está de castigo, portanto chamarei as outras aias. Não saia daqui! (PARA O ESPELHO) Dentro em pouco voltarei e você, escravo meu, contemplará a mais bela mulher do mundo...

ESPELHO - Salve! (FAZ UMA REVERÊNCIA. SAI A RAINHA CARREGANDO O VESTIDO DE BAILE, SAPATOS, ETC)

AIA - (PARA O ESPELHO) - Chaleira.

ESPELHO - Essa pipoquinha que você tem no nariz vai diminuir mesmo...
O nariz também vai diminuir... você vai encolher... de tanta fome.

AIA (CHORANDO) - Ai meu Deus... ai, ai, ai!...

ESPELHO - E ninguém poderá vir aqui trazer comida. Eu conto para a Rainha!

AIA - Uma pessoa virá, tenho certeza.

ESPELHO - Quem?

AIA - Branca de Neve.

ESPELHO - Você só sabe falar na Branca de Neve.

AIA - É porque sou amiga dela. Não pense que ela é apenas a mais linda princesa do mundo. É também muito boazinha! Tem um coração que só vendo...

ESPELHO - Duvido...

AIA - Pode duvidar que não me importo. Eu sei que se ela souber que estou atrapalhada virá me socorrer.

ESPELHO - Ela não terá coragem. A Rainha proibiu que ela entrasse aqui

AIA (CHORANDO) - Se ela não vier, ninguém mais virá. Ai, pobrezinha de mim, que vou ficar tão magra! (PASSANDO A MÃO PELO ESTÔMAGO) E já estou com fome! Ai, ai, ai... Se ao menos esta janela flosse mais baixinha... (PROCURA CHEGAR À JANELA) Eu não alcanço! Se Branca = de Neve me visse. (CHORA. MÚSICA INTRODUTÓRIA DE BRANCA DE NEVE. AIA CALA-SE E OUVI) É ela! (CHORA MAIS ALTO PARA SE FAZER OUVIR) Ai, ai, meu Deus! Quem vira me socorrer? Quem podera ajudar a pobre Aia que está passando fome?

BRANCA DE NEVE (DO LADO DE FORA) Quem está chorando?

AIA - Sou eu, Princesa Branca de Neve, a Rainha me castigou!

BRANCA DE NEVE - Abra a porta. (A AIA ABRE A PORTA. ENTRA BRANCA DE NEVE VESTIDA SEM LUXO MAS DE FORMA A ESTAR TAMBÉM BASTANTE LINDA. CORRE PARA JUNTO DA AIA E ABRAÇA-A) Minha pobre Aia! Que é isso?

AIA - A Rainha me botou de castigo. Vou passar fome.

BRANCA DE NEVE - Não é possível. Minha madrasta, a Rainha, não faria uma coisa dessas.

AIA - Não faria o que, Princesa! "senhora não se lembra mais do Ministro que ela mandou matar porque não gostava do jeito dele to-sir?"

BRANCA DE NEVE - Não me lembro.

AIA - Lembro eu. E a senhora não se lembra da velhinha que ela mandou jogar no rio por causa da feiura ~~XXXX~~?

BRANCA DE NEVE - Não me lembro.

AIA - Lembro eu. E se ela mandar jogar gente no rio por causa da feiura como é que eu vou me arranjar? Qualquer dia destes, catrapuz! Lá vou eu por água abaixo!

BRANCA DE NEVE - Você foi condenada a ser atirada no rio?

AIA - Não, senhora. Vou morrer de fome primeiro. E se escapar de morrer de fome, do rio eu não escapo. Não sei o que acontece comigo que cada dia fico mais feia.

BRANCA DE NEVE (ANIMADORA) - Não diga isso. Você não é nada feia. Tem uns olhos tão doces!... umas mãos tão bonitas!

14
7

AIA (ENTUSIASMADA) - E eu canto tão bem, Alteza!

ESPELHO (TOSSINDO EM PROTESTO) - Deixe disso...

BR. NEVE - Quem falou aqui?

AIA - O Espelho.

BR. NEVE - Um espelho que fala! Eu não sabia disso...

ESPELHO - E tem mais - só falo a verdade.

BR. NEVE - Oh, como êle é bonito! Tão lustroso!... (ALEGRIA DO ESPELHO).

ESPELHO - Bonita é a senhora.

BR. NEVE - ~~Bonita~~ Eu não...

ESPELHO - Estou dizendo que é bonita. É a pessoa mais linda que já vi.

BR. NEVE - Acha mesmo?

ESPELHO - É branca como a neve, tem os cabelos negros como o ébano... e os lábios vermelhos como o sangue... (BRANCA DE NEVE SE EXAMINA, CURIOSA)

BR. NEVE - (CONFIDENCIAL) Se o príncipe pensasse assim... Será que se êle me visse, me acharia bonita, também?

ESPELHO - Pelo que eu sei êle já a viu e já pensou a mesma coisa...

BR. NEVE - Não creio. Êle nunca me viu.

ESPELHO - Já.

BR. NEVE - Como sabe?

ESPELHO (OLHANDO INTENCIONALMENTE PARA A AIA) - Certas pessoas que aparecem por aqui e ficam tagarelando...

AIA - Fui eu quem disse. O príncipe vem aqui por sua causa. Êle está apaixonado. Eu falei com um pajem d'êle outro dia. (BATENDO PALMAS DE ALEGRIA) E acho que vai haver casamento. Hi! Eu gosto tanto de festa de casamento!

ESPELHO - Você vai ver, nada. Já terá morrido.

AIA - Ai, meu Deus... eu nem me lembrava! Que azar!... (CHORA)

BR. NEVE - Eu falarei com a Rainha. Ela há de perdôá-la.

AIA - Perdôa nada. (RUIDO DE CARRUAGEM. MÚSICA INDICANDO CHEGADA DO PRÍNCIPE NO PALÁCIO)

BR. NEVE - O que é isso?

AIA - É o Príncipe. É o Príncipe que está chegando... ai, se eu pudesse estar lá para ver... Se ao menos pudesse olhar pela janela...

BR. NEVE - Também eu gostaria de vê-lo, mas a janela é tão alta! (ESFORÇA-SE POR ALCANÇÁ-LA MAS NÃO CONSEGUE. A AIA APROXIMA-SE, FICA CURVADA E DIZ)

AIA - Suba aqui nas minhas costas. (BRANCA DE NEVE SOBE E OLHA PELA JANELA)

BR. NEVE - Que beleza! Ele traz uma carruagem puxada por vinte e oito cavalos brancos e todos eles com asas...

ESPELHO - Duvido.

BR. NEVE - Todos os pajens estão vestidos de azul. E ele... ah, meu Deus, ele é tão belo... Tem os cabelos dourados, os olhos muito azuis...

ESPELHO - Duvido.

AIA - Pode duvidar que não adianta nada, Espelho bôbo!

ESPELHO - Só acredito naquilo que vejo. Comigo é assim.

BRANCA DE NEVE - Ele está me olhando. Disse adeus... apanhou uma flor... para quem será? (ESTENDE A MÃO E RECEBE UMA ROSA) Jogou uma rosa para mim! (BEIJA A ROSA E CORRESPONDE AO ADEUS) Ah, ele gosta de mim...

AIA - Então chega de olhar senão eu fico corcunda de tanto estar deste jeito (BRANCA DE NEVE SALTA PARA O CHÃO) Ai... ai... a senhora parece que não pesa nada mas é bem pesadinha... (ESFREGA AS COSTAS. BRANCA DE NEVE OLHA A ROSA, SONHADORAMENTE).

BR. NEVE - HEI DE pedir à Rainha que me empreste um dos seus vestidos. (ENTRA A RAINHA, RICAMENTE TRAJADA)

RAINHA - E pra que? Posso saber?

BR. NEVE - O Príncipe...(TÍMIDA) Eu gostaria de ter um vestido bonito...

RAINHA - Você? O Príncipe não terá tempo de vê-la. Estará muito ocupado com as festas que vamos lhe oferecer. Não ira a cozinha... porque você já sabe, não é? Enquanto o Príncipe estiver aqui, não sairá da cozinha.

BR. NEVE - Oh, minha madrasta, por favor, deixe que eu fale com o Príncipe.

RAINHA - O Príncipe não se interessa por você.

ESPELHO - Ele se interessa. Agora mesmo acabou de lhe atirar uma rosa.

RAINHA - Uma rosa? E como?

ESPELHO - Pela janela.

RAINHA - Quem lhe deu licença para olhar pela janela? E por falar nisso, que está fazendo aqui? Não sabe que está proibida de entrar nos meus aposentos? (AVANÇA PARA BRANCA DE NEVE)

BR. NEVE (INTIMIDADA) - Não foi por mal... eu ia passando e ouvi a =
Aia chorar. Entrei porque ela parecia tão aflita... Só quis ajudar.

RAINHA - Atrevida!

ESPELHO - Ela queria também lhe pedir um vestido...

RAINHA - Um vestido! Com certeza não está satisfeita com os que tem!
Não faltava mais nada. Uma criança feia, horrorosa como você,
a querer vestidos. Com certeza queria um vestido mais bonito
do que o meu, não é?

ESPELHO - Ela não é criança!

RAINHA - É criança, sim.

ESPELHO - Não é. E também não é nada... feia... Pelo contrário.

RAINHA - Você querará dizer que essa menina é bonita? Não se atreva,
hem? Olhe bem para mim. (MIRA-SE NO ESPELHO)
Diga espelho, meu escravo
Que sempre foi verdadeiro:
Mulher mais bela que eu
Havera no mundo inteiro?

ESPELHO (DECLAMATIVO) = Não adianta, Majestade,
Conheço bem o que é belo...
Há muito Branca de Neve
Ja a botou no chinelo.

RAINHA - Não é possível! Não é possível! Se fôr verdade isso, ela te-
rá que morrer!

BR. NEVE Oh, não, não... por piedade... (AO ESPELHO)
Diga Espelho, amigo meu
Que sou feia, velha e suja,
Tenho mão de lagartixa,
Tenho olhos de coruja...

ESPELHO - Nada disso, Você é um amor. Isso é o que é.

17

10

RAINHA - Então é assim? Então esta hipócrita pretende me derrotar?

ESPELHO - Isso não sei. Mas que ela é mais bonita, é!

AIA - Foi o que eu lhe disse...

RAINHA - (TRANSIÇÃO COMPLETA. FICA MUITO DOCE, AMIGA E COMPREENSIVA)
Então, minha querida Branca de Neve, deseja um vestido para ir ao encontro do Príncipe? (TIRA UM MANTO DA ARCA) Sinto = muito, mas você não irá ao baile. Entretanto, para lhe fazer a vontade, deixarei que assista à caçada. Aqui tem este manto para se proteger contra o frio. O Príncipe irá fazer uma caçada e meu escravo Botabaixo a levará até a Floresta. Lá poderá ver o Príncipe e até falar com ele, se quiser... (BRANCA DE NEVE RECEBE O MANTO) Olhe, aqui tem estes sapatos, próprios para andar na floresta. E mais este pente... (EXAMINANDO) Não, este não...

AIA (ASSOMBRADA, PARA O ESPELHO) Você está entendendo alguma coisa?

ESPELHO - Eu não.

AIA - A Rainha ficou boazinha, de repente... Você não acha esquisito?

ESPELHO - Acho. Receio que esteja planejando qualquer maldade.

BR. DE NEVE - Oh, Majestade. Que lindo manto! E que sapatos tão bons! Acho que poderei correr com eles até mesmo por cima das mais duras pedras (BEIJA-LHE AS MÃOS) Obrigada!

RAINHA - Vá se arranjar enquanto eu chamo o Botabaixo.

BR. NEVE - Ai, que sapatos tão lindos (RADIANTE) Obrigada! Estou tão contente que se pudesse sairia voando!... (ATIRA UM BEIJO PARA A RAINHA E VAI PARA O QUARTO DE VESTIR) Obrigada!

RAINHA - (DANDO UMA GARGALHADA) - Sairá voando... sim... mas é para o outro mundo!

ESPELHO - Que vai fazer?

RAINHA - Espere e verá! (VAI ATÉ JUNTO DE UM GRANDE SINO E COMEÇA A TOCÁ-LO)

AIA - Está chamando o escravo Botabaixo... Meu Deus! Aquê! homem mau!

RAINHA - Cale-se!

AIA - Mas Botabaixo é tão mau...

RAINHA - Claro! Há muito tempo que tenho o coração de Botabaixo guarda do numa caixa. Ah, custou-me muito fazer essa magia, mas agora que ele não tem mais coração é um ótimo escravo. Faz tudo que mando e não sente nada (ENTRA BOTABAIXO, ESCRAVO NEGRO COM UNS CALÇÕES AMARELOS E TURBANTE VERMELHO. TRAZ NUMA DAS MÃOS UMA CORDA E NA OUTRA UMA CIMITARRA)

BOTABAIXO - Chamou-me? Aqui me tem, formosa Rainha!

RAINHA - (PARA O ESPELHO) Ah, está vendo? Isso é que é modo de falar! Assim é que eu gosto...

ESPELHO (COM DESPREZO) Ele ainda não viu Branca de Neve.

RAINHA (PARA O ESCRAVO) Não viu Branca de Neve?

BOTABAIXO - Sim.

RAINHA - Acha que ela seja mais bela do que eu?

ESCRAVO - Não.

ESPELHO - Você está precisando de óculos, Botabaixo...

RAINHA (PARA O ESPELHO) - Cale-se! (PARA O ESCRAVO) Pois o Espelho acha que ela é mais bela do que eu!

ESCRAVO - Que absurdo!

RAINHA - Não é ele só. Muita gente por aí murmura que é verdade. Imagine! Está correndo a notícia de que Branca de Neve é a mais bela pessoa deste reino!

ESCRAVO - Não diga!

ESPELHO - Eu disse a verdade.

RAINHA - Não seja idiota! (PARA O ESCRAVO) A verdade - é que embora não acredite, receio que esta notícia tão falsa atravesse as fronteiras e... e... que, o meu Espelho nunca disse uma mentira até hoje...

BOTABAIXO - Então começou mal, porque isso é mentira.

RAINHA - Quero que leve Branca de Neve daqui.

BOTABAIXO - Posso levá-la para o estrangeiro. Ela que vá ser bonita bem longe!

RAINHA - Ah... então você também acha que ela é bonita, hem? Traidor. Nem me pareceu que estava mentindo.

BOTABAIXO - Não se aborreça, Majestade. Não digo que Branca de Neve se já feia. Mas a senhora é muito mais bonita... Nem tem comparação. Onde quer que a deixe?

RAINHA - Bem longe daqui existe uma floresta escura, cheia de animais ferozes. Quero que a leve para lá. E, depois, corte-lhe a cabeça!

BOTABAIXO - Está certo. É só isso?

AIA (HORRORIZADA) - Meu Deus!

RAINHA - Não é só. Assim que estiver morta, traga-me o coração dela para eu ter certeza de que você cumpriu as minhas ordens.

BOTABAIXO - Quer que traga o coração embrulhado ou dentro de um cesto?

RAINHA - Tanto faz.

BOTABAIXO - Não senhora. Dentro de um cesto fica mais distinto.

RAINHA - Não demore muito, (CHAMA) Branca de Neve! (PARA O ESCRAVO) E nem uma palavra sobre isso, hem? Ela pensa que vai dar um passeio...

BOTABAIXO (ALISANDO A CIMITARRA) - Ah, ah, ah...

BRANCA DE NEVE (ENTRANDO COM O MANTO E OS SAPATOS DADOS PELA RAINHA VEM MUITO ALEGRE) Já estou pronta. Ah, que bom! Como estou contente.

BOTABAIXO (PARA BRANCA DE NEVE) - Então, vamos!

BRANCA DE NEVE (DESPEDINDO-SE) Até logo, Majestade. Até logo, Aia. (INDO AO ESPELHO OLHANDO-SE COM DELÍCIA) Até logo, Espelho!

AIA - Adeus!

ESPELHO - (TRISTEMENTE) Adeus...!

RAINHA - Boa viagem, querida! (SAI BRANCA DE NEVE COM O ESCRAVO) E agora eu me vingarei. Ele, dentro de pouco tempo, estará morto e você, meu Espelho fiel, voltará a dizer que sou a mais bela mulher do mundo!

ESPELHO - Que remédio!...

RAINHA - E você, Aia imbecil, morrerá também. Mas, morrerá devagar, aos pouquinhos... Dentro de sete dias teremos uma Aia de menos.

AIA - Majestade, por favor... Eu tenho muitos defeitos, mas também tenho minhas qualidades. Ninguém escova seus cabelos como eu. Ninguém lhe dá cafunés como eu...

RAINHA - Arranjarei outra Aia para esse serviço...

AIA - Misericórdia!...

RAINHA - Qual misericórdia, qual nada! Não me aborrega! (OLHANDO-SE AO ESPELHO) Vou ao encontro do Príncipe, e lembre-se de que matarei aquele que tentar lhe dar comida ou permitir que durma. (SAI)

AIA - Pobre de mim!

ESPELHO - Pobre de Branca de Neve!

AIA - De mim você não tem pena?

ESPELHO - Vocêê ainda tem sete dias. Pode se salvar. Mas Branca de Neve dentro de alguns instantes estará morta.

AIA - Pobrezinha. Com aquele escravo sem coração não arranjará nada, por mais que peça misericórdia.

ESPELHO - Se nós pudéssemos salvá-la...

AIA - Pois é, mas não podemos. Eu não sei de ninguém que possa salvá-la.

ESPELHO - Eu sei, mas não adianta.

AIA - Quem é?

ESPELHO - Eu.

AIA - Como?

ESPELHO - Isso é um segredo que não posso dizer.

AIA - Não digo que você é bôbo? Se tem um jeito de ir salvar Branca de Neve, por que não vai?

ESPELHO - Porque não posso sair do lugar.

AIA - Experimente...

ESPELHO - Não posso. Eu tenho um encantamento nas pernas.

AIA - Qual é o encantamento? Quem sabe se posso ajudar?

ESPELHO - Você é muito errada. Em todo caso... quem sabe?

AIA - Diga o que é, Espelho.

ESPELHO - Para eu andar bastava que me banhasse as pernas com o suor do rosto de um Príncipe.

AIA - Acho muito difícil.

ESPELHO - Eu sei. Por isso que há séculos que não ando.

AIA - Onde se arranjará o Príncipe?

ESPELHO - Ainda agora mesmo chegou um.

AIA - Mas esse está muito ocupado.

ESPELHO - Pois é, todos os Príncipes vivem ocupados assim, há séculos. E eu aqui, sem poder andar.

AIA - Se eu pudesse vê-lo... (VOZES) Ele vai passando aí!

ESPELHO - Suba à janela.

AIA - Uma janela tão (PUXA A ARCA COM ENORME ESFÔRÇO, SOBE EM CIMA, DE POIS, ENFIA A MÃO NO BÔLSON, TIRA PAPEL E LÁPIS, ESCRIVE UM BILHETE. EM SEGUIDA PUXA UM APITO DO BÔLSON E APITA).

ESPELHO - Você pensa que o Príncipe vai responder ao apito?

AIA - Ele olhou para cima (JOGA O BILHETE) Agora vamos ver se ele aparece ou não.

ESPELHO - Há de aparecer. Agora trate de pensar num modo de fazer o Príncipe suar; isso é que vai ser difícil.

AIA - Difícil nada. Quer ver? (ABRE A ARCA E TIRA UMA CORDA DE PULAR E UM CHICOTINHO) Quando Branca de Neve era ainda menina, ela me fazia pular corda. E depois eu fingia que estava muito cansada e ela corria atrás de mim com um chicotinho. Eu suava! Aqui estão a corda e o chicotinho... Quer ver se o Príncipe suar ou não (CANTA)

Uma princesa bonita

Tinha uma aia bonita... (OLHA DESCONFIADA PARA O ESPELHO)

Tralala, lala, lala.

Eu também sou bonitinha.

ESPELHO - Não comece a abusar da minha paciência...

PRINCIPE - (entrando muito alegre) - Rebebi este bilhete e vim na mesma hora. E verdade que Branca de Neve precisa de mim ?

AIA - É verdade Alteza (receosa) Primeiro diga, alguém sabe que veio aqui ?

PRINCIPE - Ninguém, eu vim escondido.

ESPELHO - Não podemos perder tempo. Podem estar à procura do príncipe.

PRINCIPE - Ah... é o famoso espelho mágico. (curvando-se) Muita honra em conhecê-lo.

ESPELHO - Igualmente, formoso Príncipe. Mas não foi para lhe fazer papápes que o mandamos chamar...

~~ESPELHO~~ -

PRINCIPE - Então foi o senhor que me chamou ? Não foi Branca de Neve ?

ESPELHO - Fui eu.

PRINCIPE - Nesse caso, trata-se de um lôgro. Vou-me embora. Não posso perder tempo com espelhos!

AIA - Não vá, Alteza! Sem ter feito aquilo que vamos lhe pedir, jamais poderá ver Branca de Neve.

PRINCIPE - Como assim ?

ESPELHO - É verdade. Se deseja ver Branca de Neve, terá que fazer tudo o que mandamos.

PRINCIPE - Por quê ?

ESPELHO - É segredo. Aceita ?

AIA - Aceite, Príncipe. É uma coisa tão simples...

PRINCIPE - Para tornar a ver Branca de Neve daria a própria vida.

ESPELHO - Não é preciso tanto, basta dar uns pulinhos...

AIA - Olhe, comece agora mesmo. Eu vou buscar a bacia.

PRINCIPE - Tenho que pular dentro da bacia ?

ESPELHO - Não, senhor... A bacia é um detalhe sem importância. Comece. Um dois, um dois... (O PRÍNCIPE COMEÇA A PULAR CORDA)

PRÍNCIPE - Que sistema esquisito... Nunca pensei que o protocolo do palácio exigisse tal coisa!

ESPELHO - Cada terra com seu uso, Alteza... Um, dois, um, dois...

PRÍNCIPE (PULANDO SEMPRE) Mas estou sentindo uma coisa esquisita...

ESPELHO - É cansaço. Não se assuste não, que não é doença... Passa logo...

AIA (CORRENDO COM A BACIA) Pule mais depressa. Mais, mais, mais...

PRÍNCIPE - Estou me sentindo pior.

ESPELHO (PARA A AIA) - Esse coitado nunca se cansou na vida!

AIA - Então quando começar a suar vai ficar horrorizado!

PRÍNCIPE - (ABARMADO) - Que aguiha é essa que está saindo da minha testa?

ESPELHO - Está suando! Corra com a bacia. Precisamos de tôdas as gotas!

AIA (TIRANDO O SUOR DA TESTA DO PRÍNCIPE E BOTANDO NA BACIA) Mais, mais ainda não chega! (Colhe grandes bôlhas coloridas)

PRÍNCIPE - Ai!... Ai!...

AIA (APANHANDO O CHICOTE) Não chega. (CORRE ATRÁS DO PRÍNCIPE COM O CHICOTINHO) Pule mais.

PRÍNCIPE (EXAUSTO) Chega sim. Onde está Branca de Neve? (AIA AMEAÇA E ELE COMEÇA A PULAR) Onde está?

AIA - Você a verá! Se não parar agora. E não diga a ninguém que nós o fizemos pular... (PRÍNCIPE PULA)

PRÍNCIPE - Por que? Estou desconfiado disto... (A AIA ENTRA LENTAMENTE ATRÁS)

RAINHA - Ah, está aqui. Já havia mandado emissário à sua procura... Felizmente o encontrei. (MUSICA) Mas o que está fazendo com essa corda de ru - lar?

PRÍNCIPE - É o protocolo, Majestade...

RAINHA - Que protocolo? Isto brincando? (AIA PÁZ CORRE PARA O PRÍNCIPE)

PRÍNCIPE - Eu adoro pular corda...

RAINHA - A h... mas agora deverá ir comigo para sala dos Cristais Vermelhos onde lhe será servido um grande banquete...

AIA - Banquete! ... Ah, meu Deus! (AIA A LÃO CORRE O MONTAGÃO)

RAINHA - Vamos, querido Príncipe!...

PRÍNCIPE - Vamos, Formosa Rainha. (AIA V/ESPERANDO) E Branca de Neve?

REINADO - Depois... (SALA PRÍNCIPE E RAINHA. AIA A AIA) Depressa, rendem muito?

AIA (CONTANDO) - Cinco, seis gôtas! Chegou?

REINADO - É pouco. Em todo caso, passe isso nas minhas pernas. (AIA DA CORREIA DO CORDEIRO A MONTAGÃO O LUGAR DO PRÍNCIPE PARA AIA DA CORREIA) Três co - tas numa perna... quatro na outra...

AIA - Uma perna vai ficar lograda... Veja se sabe...

REINADO (PARABENTANDO A AIA) Não posso... foi tão pouquinho...

A IA - Faça força... vamos... (REINADO DA AIA, A PRÍNCIPE, COM DIFICULDADE. DIRETO DO LUGAR MONTAGÃO) Está funcionando.

REINADO - Faça uma coisa. Apanhe o coquinho com o coração de escravo no quarto da Rainha (AIA DA 1ª VOLTA COM A AIA)

AIA - Aqui está.

REINADO - E agora, adeus... Se conseguir chegar lá, solvarei Branca de Neve.

AIA - Não se demore. Procure correr. Corra... Se a rainha ler por sua falta que é que eu digo?

REINADO - Invente uma coisa qualquer... (SALA ENVIANDO)

AIA - Agora... Agora é que eu vou ficar atropalhada. (MUSICA DA RAINHA) A Rainha vem aí... oh, meu Deus, estou perdida...

RAINHA - Aio. Aio. Depressa, obo de aqui o meu corpete e que se desabotoe...

AIA (TREMENDO) - Pois não, Majestade...

RAINHA - Imagine. O Príncipe disse que jamais viu Rainha tão bela em toda a sua vida.

AIA - Pois sim... isto é, pois não...

25

R A I N H A

Como não sabe? Você saiu dêste quarto?

A I A

Eu, não.

R A I N H A

Ondê está o meu espelho mágico? Ondê está? Hei de encontrá-lo. Vou chamar todos os criados. Todos os escravos. Quero / que procurem por toda parte. Ele há de aparecer! Há de aparecer (Vai para o sino e começa a tocar).

A I A

Eu não ví nada, não sei de nada, não ~~venh~~ procurar por - / que estou de castigo...

R A I N H A

(Tocando o sino) Há de aparecer. Há de aparecer!

P A N O.

F I N A L D O 1º A T O.

2º A T O

V O V Ó

Quem conhece a história de Branca de Neve há de estar /

26/9

2ª A T O

VOVÓ

Quem conhece a história de "BRANCA DE NEVE" há de está admirado por ver o espelho fazer tanta coisa. No livro é um pouquinho diferente. Mas, podem acreditar meus netinhos, foi assim/ que se deu o caso. E a vossa vovósinha sabe muito mais do que os livros de histórias... Então, vejamos o que sucedeu com BRANCA / DE NEVE. Vocês se lembram ela saiu pensando que ia passear. (Abr e-se o pano. Floresta: ruídos estranhos, grilos, pássaros e fera urros longínquos. BRANCA DE NEVE perdeu um pouco de entusiasmo pe lo passeio e anda um tanto receosa)

E S C R A V O

Ande mais depressa!

B R A N C A D E N E V E

Estou cansada ... Já andamos muito. Meus sapatos novos me machucam os pés.

E S C R A V O

Que me importa?

B R A N C A D E N E V E

Oh, Botabaixo, não seja mau. Deixe-me sentar um pouquinho e descansar. assim fatigada não vou ter coragem de conversar com o Príncipe

E S C R A V O

Ah, Ah, Ah... Você pensa que vai conversar com o Príncipe?/

B R A N C A D E N E V E

Não foi para isso que vim aqui?

E S C R A V O

(Olha em torno) Não foi para isso. Mas este lugar também serve. Está bem bom!

B R A N C A D E N E V E

Bom? Para que?...

E S C R A V O

(Alisando a cimitarra) Bom para cortar a sua cabeça,

E R R

BRANCA DE NEVE

Que é isso, Botabaixo?...

1

ESCRAVO

É isso mesmo.

BRANCA DE NEVE

Você está maluco... a Rainha me disse...

ESCRAVO

Disse que você ia dar um passeio, não foi? Pois bem já deu agora já chega

BRANCA DE NEVE

(Erguendo-se e tomando atitude de defesa) Você não vai me fazer uma coisa dessas, Botabaixo.

ESCRAVO

A Rainha mandou, eu tenho que cumprir suas ordens...

BRANCA DE NEVE

Não acredito.

ESCRAVO

Tanto faz acreditar como não, terá que morrer do mesmo jeito. Ela quer que eu leve seu coração dentro de um cestinho para provar que de fato eu a matei.

BRANCA DE NEVE

Meu Deus... E por que? Que mal fiz eu a Rainha para ela -/ ter tanta raiva de mim?

ESCRAVO

Cresceu e ficou bonita, isso é desaforo.

BRANCA DE NEVE

Mas, Botabaixo... Não seja assim. Não se zangue comigo. Volte e diga à Rainha que eu sou feia e que por isso não me matou

ESCRAVO

Não, agora é tarde.

28

BRANCA DE NEVE

2

Tarde, porquê?

ESCRAVO

Todo já sabe que você é bonita mesmo.

BRANCA DE NEVE

Então volte e diga que fugi e que não me viu mais... Eu prometo não aparecer no Castelo nunca mais!

ESCRAVO

Não também não adianta. Todo mundo sabe que ninguém foge -/ de mim. Você pensa que eu não tenho vergonha? Veja lá se vou dizer a Rainha que uma garota bobinha como você escapou de mim! / Ah, Ah, Ah! Você não me conhece.

BRANCA DE NEVE

Diga que uma onça pintada me comeu.

ESCRAVO

Por aqui não há onça pintadas. Há leões e corças. Mas onça não tem.

BRANCA DE NEVE

Diga que uma cobra me engoliu.

ESCRAVO

Chega. Não digo coisa nenhuma. Você vai morrer agora mesmo!

BRANCA DE NEVE

Oh, Botabaixo. Você não teria coragem de fazer uma coisa / dessas.

ESCRAVO

Como não?

BRANCA DE NEVE

Você tem um coração de ouro.

ESCRAVO

Nem de ouro, nem de prata, nem de bronze... Não tenho coração de jeito nenhum. Não digo que você não me conhece?

~~Conheço, sim senhor...~~ BRANCA DE NEVE

Conheço, sim senhor... Lembra-se daquela noite em que choveu muito e que você ficou trancado do lado de fora do Palácio

ESCRAVO

Lembro.

BRANCA DE NEVE

3

Quem foi que lhe abriu a porta?

ESCRAVO

Você

BRANCA DE NEVE

Quem lhe deu um café quente e um cobertor para se aquecer?

ESCRAVO

Você.

BRANCA DE NEVE

E quem foi que lhe curou a ferida que você tinha na per-
na?

ESCRAVO

Você.

BRANCA DE NEVE

E então Botabaixo? Como é que você diz que não o conhece?

ESCRAVO

Digo, porque você não me conhece mesmo. Então você pensa
que porque você me comida, agasalho e que me curou as feridas eu
vou deixar de lhe cortar a cabeça?

BRANCA DE NEVE

Mais é claro, Botabaixo. Você não poderia fazer isso a
uma pessoa que se mostrou sua amiga.

ESCRAVO

Poderia sim.

BRANCA DE NEVE

Ninguém no mundo faria isso.

ESCRAVO

Ah, Ah, Ah! Já lhe mostro se faria ou não. (corre atrás/
dela com a corda e amarra-a.) Pronto!

BRANCA DE NEVE

Não faça isso. Tenha pena de mim.

ESCRAVO

São ordens da Rainha.

BRANCA DE NEVE

Misericórdia. Misericórdia.

ESCRAVO

Não tem conversa.

30/4

BRANCA DE NEVE

4

Tenha pena de mim, Botabaixo. Tenha pena de mim...

ESCRAVO

Não tenho pena nenhuma.

BRANCA DE NEVE

Não tem? Você não tem pena de uma pobre inocente?

ESCRAVO

Não. (Surge o espelho.)

ESPELHO

Pare... Pare com isso!

ESCRAVO

Que m é?

BRANCA DE NEVE

Deve ser o Príncipe. (Ergue-se de um salto e olha com é
espanto.)

ESCRAVO

Que vei fazer aquí?

ESPELHO

Vim lhe trazer uma coisa que lhe pertence. (Abre a caim
xa e tira o coração.)

ESCRAVO

Que é isso?

BRANCA DE NEVE

É um coração Botabzixo.

ESCRAVO

Para que serve is so?

ESPELHO

Para se usar no peito.

ESCRAVO

Ora, eu não preciso de enfeites.

ESPELHO

Não, isso não é enfeite, Botabaixo. Tôdas as pessoa no
mundo têm coração

ESCRAVO

Tôdas? E para quê?

BRANCA DE NEVE

Para sentir.

E S C R A V O

Sentir o quê?

B R A N C A D E N E V E

Sentir amor, alegria, tristeza, piedade... Sentir todos/
os sentimentos? Adianta alguma coisa?

E S C R A V O

E 'é bom sentir todos os sentimentos? Adianta alguma =
coisa?

E S P E L H O

Claro que é bom sentir os sentimentos. Adianta muito. Por
exemplo — se você puser o coração no peito, não terá cora-
gem de fazer mal a ninguém.

E S C R A V O

Por quê, (Espelho e Branca de Neve se entreolham atra-/
palhados)

E S P E L H O

(Para Branca de Neve) Explique você.

B R A N C A D E N E V E

Não. Explique você.

E S P E L H O

Explique você que nesse negócio de coração as mulheres/
sabem mais.

B R A N C A D E N E V E

Bem. Vou lhe explicar. Lembra-se daquele dia que não o/
deixei ficar do lado de fora do castelo, debaixo da tempesta
de?

E S C R A V O

Lembro.

B R A N C A D E N E V E

Pois foi porque meu coração não deixou...Coração é assi
não deixa a gente ver ps putros sofrer...

E S P E L H O

Lembra-se daquele dia em que o Rei escapou da morte? -/
Todos ficaram alegres, todos se abraçaram e riram menos você

E S C R A V O

Por quê?

B R A N C A D E N E V E

Porque não tinha coração. E sem coração, você não poder-
ria ter nenhuma alegria.

E S C R A V O

62

Aque la gritada toda era alegria?

B R B A N C A D E N E V E

Era. Só você não senti. Então sentiu porque não tinha coração.

E S C R A V O

Bem que eu desconfiava que me faltava alguma coisa...
Eu nasci aleijado.

E S P E L H O

Não diga isso. Você nasceu perfeito. Foi a Rainha que lhe tirou o coração

B R A N C A D E N E V E

E guardou-o tão bem guardado que você nunca mais soube dele

E S P E L H O

Mas agora aqui está. Toma!

E S C R A V O

(Olhando desconfiado para o coração) Hum... não sei o que fazer com isso. Está vermelho demais para mim.

B R A N C A D E N E V E

Todos os corações são assim vermelhinhos. Pode usar / toda confiança.

E S C R A V O

(Apanha o coração, examiná-o e coloca-o sobre a cabeça
HUM...

B R A C A D E N E V E

Aí, não, Botabaixo. O coração não fica aí...

E S C R A V O

Por quê?

E S P E L H O

Ele aí não funciona.

E S C R A V O

(Zangado). Leve esta porcaria daqui eu não estou acostumado com isso.

B R A N C A D E N E V E

(Apanhando o coração e colocando-o no peito de Botabaixo) É aqui, Botabaixo, aqui é que é o lugar do coração.

B O T A B A I X O

72

(Nervoso) Estou sentindo uma coisa esquisita... Acho -/ que êsse coração não seve mais, Está grande demais para mim. Está me incomodando muito. Parece que eu tenho uma almofada/ no peito.

B R A N C A D E N E V E

Ex assim mesmo, Botabaixo. Você está sentido piedade! -/ Seu coração bate de piedade por mim. Teria agora coragem de me matar?

B O T A B A I X O

Seria uma maldade. Eu não. Mas...estou sentindo também uma outra coisa. (Apavorado) Meu coração está cheio de medo.

E S P E L H O

É natural a Rainha não é brincadeira...

B O T A B A I X O

(Nervoso). Tire êsse coração daqui, senão não faço o / que a Rainha mandou. E se eu não fizer ela me matará.

E S P E L H O

Não seja covarde... Enfrente a Rainha.

B O T A B A I X O

Como? Não posso. Não posso! Eu tenho medo.

E S P E L H O

Está aí um sentimento que você deverá tirar do coração É preciso vencer o medo.

B O T A B A I X O

De que jeito? Eu estou com tanto medo que estou até / tremendo. Olhe para mim. Olhe só. (Treme).

E S P E L H O

Não seja covarde, Botabaixo!

B O T A B A I X O

Sou covarde! Estou com um medo danado! E agora? Para / que foi que me puseram ista aqui no peito. Eu estava tão bem ... (Lamento)

n

E S P E L H O

(Aproximando-se dêle) Olhe aqui. Mire-se neste espelho Veja a cara que aparece aqui.

B O T A B A I X O

(Olha e assista-se) Nossa senhora que cara é essa! Que cara é essa?

E S P E L H O

A sua.

B O T A B A I X O

É mentira. Eu nunca tive uma cara desse jeito.

E S P E L H O

É a cara de um covarde.

B O T A B A I X O

Tire essa cara horrorosa de minha frente.

E S P E L H O

Só se você deixar de ser covarde e enfrentar a Rainha.

E S C R A V O

Se eu fizer isso minha cara melhora?

E S P E L H O

Muito.

E S C R A V O

E se eu não fizer?

E S P E L H O

Ficará cada vez pior.

B O T A B A I X O

(Lamentando-se) Ai, meu Deus. Que será de mim se minha cara ficar pior do que já está? (Senta-se, cobre o rosto com as mãos, chorando) Que será de mim? Quem é que pode viver com uma cara nestas condições?

B R A N C A D E N E V E

(Consolando-o) Não chore, Botabaixo. O espelho a de lhe ensinar um remédio.

B O T A B A I X O

Que remédio?

B R A N C A D E N E V E

Ele é um espelho sábio. Peça-lhe que o ajude.

B O T A B A I X O

Ajude-me, Espelho. Esta cara está me deixando nervoso.

E S P E L H O

Quer que o ajude, não é? Pois bem vou ajudá-lo. Mas, ai de mim faz tanto tempo pela floresta. Já não tenho mais certeza se conheço isso por aqui. Em todo caso, deixe ve.) Põe as mãos na boca em forma de corneta e começa a soltar um canto misterioso) Ooo oo-iu-iu!

38
9

BRANCA DE NEVE

Que é isso?

ESPELHO

É o sinall da floresta encantada. Com êste chamado talvez consiga falar com Pinga-Pinga.

BRANCA DE NEVE

Quem é Pinga-Pinga?

ESPELHO

É um dos sete anões da floresta encantada. (Repete o canto) Ooooooooo-iu-iu! (Silêncio) Ué! Ninguém responde... (Repete o canto)

XXXXXXXXXX

BOTABAIXO.

Estou ouvindo um barulhinho... (Som distante) iu-iu-iu-
iu-iu-iu!

ESPELHO

É ele! É o Pinga-Pinga.

BRANCA DE NEVE

Que bom. Estamos salvos!

BOTABAIXO

Só quero ver... (Surge Pinga-Pinga claudicando)

PINGA-PINGA

Quem me chamou? (Vendo o Espelho) Olá amigo velho. Você / por aqui?

ESPELHO

É verdade consegui sete gotas de suor de um Príncipe...

PINGA-PINGA

Quem havia de dizer!... Mas, venha de lá um abraço. Que / bom! (Vendo Branca de Neve e o Escravo) Quem são êstes?

ESPELHO

Esta é a princesa Branca de Neve e êste aqui o Botabaixo

PINGA-PINGA

Muito prazer, linda princesa. Muito prazer homem horrór / so.

ESPELHO

Os dois precisam de sua ajuda. A princesa por ser linda e o Botabaixo por ser horroroso...

PINGA-PINGA

Como assim?

36/10

BRANCA DE NEVE

129

10

Vou lhe explicar. Primeiro quero lhe fazer uma pergunta: Você vai almoçar cabrito hoje?

PINGA = PINGA

Claro. Você sabe que todos os dias nós almoçamos cabrito... //

ESPELHO

E o coração do cabrito?

PINGA = PINGA

Eu o trouxe aqui neste cestinho, porque o coração não são comemos.

ESPELHO

Pois bem. Entregue o cestinho com o coração do cabrito ao Botabaixo. Imagine que ele teve ordem de matar a princesa, mas, -/ seu coração que é muito bom não o permite. Ele em lugar de levar o coração de Branca de Neve para a Rainha, levará esse coração de cabrito e a Rainha pensará que ele cumpriu suas malvadas ordens!

BOTABAIXO

Que boa idéia! Mas, será que a Rainha não vai desconfiar?

BRANCA DE NEVE

Se ela nunca viu meu coração como é que pode desconfiar que / não seja este?

BOTABAIXO

~~XXXXX, XXXXXXXXXX~~

É verdade. Ah, sendo assim não tenho medo. (Apanha o cesto)- Obrigado, Pinga.

PINGA = PINGA

Não tem de quê.

BOTABAIXO

Adeus, minha gente. (Vai saindo, volta, e olha-se no espelho)- Eu agora não estou mais simpático.

ESPELHO

Muito mais, muito mais.

BRANCA DE NEVE

Adeus, Botabaixo

PINGA = PINGA

Adeus. (Despedem-se. O escravo sai assobiando) Bem, o coração de cabrito era fácil de arranjar. Mas, como é que eu posso ajudar essa moça?

ESPELHO

É preciso que ela fique algum tempo escondida em sua casa, até que o príncipe venha buscá-la.

PINGA-PINGA

Isso agora é mais difícil.

BRANCA DE NEVE

Por quê? Eu posso ajudá-los a fazer o serviço de casa. Eu / como pouquinho, eu enquanto durmo não bonbo, eu sei lavar roupa sei cosinhar...

PINGA-PINGA

Muito interessante, muito interessante... Eu não falo por - / mim, é que nós somos sete lá em casa.

BRANCA DE NEVE

Sete?

PINGA-PINGA

(Declamando)

Sete camas, sete pratos,

Sete canecas com asas

Sete garfos, setefacas

Nós somos sete, lá em casa.

BRANCA DE NEVE

Tão bonito! Sete anõezinhos! Ah, eu quero ver... Deixe-me fi- / car na sua casa.

ESPELHO

Ele a levará. São todos muitos bonzinhos...

PINGA-PINGA

Bom. Não sei não. De vez em quando sai cada briga! Sete bri- / gas de cada vez.

BRANCA DE NEVE

(Rindo) Depois fazem sete pazes e continuam juntos...oh, dei- / xe-me ir com você Pinga-Pinga.

PINGA-PINGA

Pinga-Pinga, deixe de fingimentos: Voxê sabe muito bem que / não terá coragem de abandonar Branca de Neve na Floresta Encan- / tada, onde a Rainha poderá matá-la...Ai, eu tremo só de pensar / na Rainha. A estas horas ela deve estar furiosa, à minha procu- / ra. Eu preciso ir. Adeus, Branca de Neve. Felicidades.

38/

12

P I N G A - P I N G A

Adeus, Espelho! Felicidades! Corra para que a Rainha não descubra que fugiu. Adeus! (Sai Espelho também mancando).

P I N G A - P I N G A

(Tomando a mão de Branca de Neve) Bom, minha filha, vamos / ver se consigo escondê-la na casa dos anões da floresta.. Por este caminho aqui.

B R A N C A D E N E V E

VAMOS. (Saem).

~~119~~

P A N O

F I N A L D O 2º A T O

3º A T O

15º

V O V Ó

Dem, meus netinhos, vocês viram a falta que faz um coração E viram também como foi que Branca de Neve se encontrou com o Pinga-Pinga. Agora vejam o que aconteceu na casa dos anões! (Sobe o pano).

C E N Á R I O

CASA DOS ANÕES: Tudo pequenino: uma pequenina mesa, sete / cadeirinhas, uma de cada cor do Arco-Ires, sete pratinhos coloridos, sete canequinhas, garfos, faquinhas; sete garrafinhas de vinho. Ao fundo sete caminhas, cada uma de uma cor. A mesa está posta com sete paezinhos. Sete pedacinhos de carne, nos sete pratinhos dos anões. Entra Branca de Neve. Música de "ballet"

PANTOMINA: Pinga-Pinga vem à frente, curva-se numa reverência. Branca de Neve agradece e entra na casa dos anões, dá uma volta sobre si, espantada, Pinga-Pinga ri de seu espanto; Branca de Neve conta as cadeirinhas: uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete; (Pinga-Pinga faz que sim com a cabeça, Branca de Neve levanta os braços, salta de alegria, puxa o anão / para que veja também; ele faz que já conhece. Branca de Neve, roda em torno da mesa, Pinga-Pinga fica apreensivo.)

V O V Ó

Ai, ai! Branca de Neve andou muito e está com fome.

PANTOMINA: Branca de Neve apnha um prato e faz menção de / provar a comida. Pinga-Pinga corre para ela e diz que não, aponta a porta; Branca aponta a comida e por meios de gestos / indica que deseja comê-la. Não, não, --- faz Pinga-Pinga. Não, Não.

V O V Ó

Pinga-Pinga está com medo de que os outros anõezinhos fiquem zangados.

PANTOMINA: Branca de Neve suplica. Pinga Pinga bota as / mãos nos olhos para não ver Branca de Neve sempre rodando em torno da mesa, retira um pedacinho de pão daqui, uma gotinha / de vinho acolá, um naquinho de carne mais adiante, uma lasquinha de doce mais além. De vez em quando Pinga-Pinga descobre / o rosto e torna a cobri-lo muito sem conforto. Seu medo é visível. Branca de Neve para de dansar. Senta-se no chão, tira /

40

os sapatos e esfrega os pés.

V O V Ó

16

Branca de Neve está cansada. Quer dormir.

PANTOMINA: Branca de Neve ergue-se, estira os braços e bocoja começa a andar pela casa, fatigada, procurando lugar para repou-
sar. Ergue a cortina. Ali estão as sete conchas,. Branca de Neve mostra-se contente. Pinga-Pinga faz que não, desolado, com gestos mostra-lhe que são pequeninas, não para ela. Branca de Neve afirma que está cansada. (Pausa). Ambos ficam estáticos. Subitamente/ Branca de Neve encontra a solução: empurra todas as conchas, faz de todas uma só. Pinga-Pinga, torna a botar as mãos nos olhos. -/ Branca de Neve dá-lhe um beijo e faz sinal de quem vai dormir.-/ Deita-se nas conchas. Pinga-Pinga puxa as cortinas.

V O V Ó

Afinal de contas, Pinga-Pinga não teve coragem de dizer não. A pobre princesinha estava tão cansada! Mas, e agora? Agora vem / aí os outros anõesinhos. Estão ouvindo a música? Eles estão chogan-
do e Pinga-Pinga não sabe o que fazer.

PANTOMINA: Pinga-Pinga vai até a porta,,ouve o ruído dos a-
nõesinhos que chogan. Anda de um lado para outro, nervoso. Bota / as mãos para o ar, desesperado. De repente tem uma idéia: Apanha / um gra de lenço vermelho, amarra-o sob o queixo, dando nó no alto da cabeça.

Hum...Pinga-Pinga resolveu fingir que está com dor de ouvido para não escutar o que dirão os outros...

PANTOMINA: Música dos anõesinhos mais próxima. Pinga-Pinga -/
anda de um lado para outro desesperado. Surge os anõesinhos. Pin-
ga-Pinga que é vermelho já consumiu uma das cores do Arco-Íres. / Os outros são! amarelo, verde, azul, alaranjado, etc. etc. Cada / um traz um pequenino balde e uma pá. Nas costas trazem escritos / seus nomes "Zangado", "Maestro", "Risonho", "Teimoso", "Pipoca", "Mi-
nhoca". Pinga-Pinga com os demais, ~~Ping-Ping~~ tem também o seu nome/
escrito nas costas. E tram em passo de "ballet". Pinga-Pinga finge
que não vê, ocupado com sua dor de ouvidos. Cada anão, deposi-
ta o balde e pá a um canto deforma que fiquem enfileirados. Também
os baldes têm seus nomes escritos. Cada anão ao depositar o balde

41

corre até a torneiri ha e lava as mãos ! Vem cada um por sua vez dizer a Pinga-Pinga que está com fome. Pinga-Pinga mostra que tem dor de ouvido, não lhes dá atenção. Cada um segue para seu lugar. Risonho é o primeiro. Verifica que alguém tirou um pedaço / de carne de seu prato e desanda a rir. Mostra o prato aos outros. Maestro apanha o pão em que falta um pedaço, mostra aos demais. Risonho sempre acha graça de tudo. Zangado fica zangado sempre —bate os pés de raiva mostrando que alguém bebeu o seu vinho. Juntam-se todos fingindo discutir. Vão interpelar Pinga-Pinga. Este não quer escutar.

V O V Ó

... Hum... Eles desconfiam de que alguém andou mexendo na comida ... Quem foi? Mas Pinga-Pinga não quer dizer. Os Anões insistem.

PANTOMIMA: Os anões apalpam a barriga de Pinga-Pinga para vê se está cheia. Querem que ele abra a boca, para ver se está mastigando alguma coisa. Pinga-Pinga faz que não, enérgicamente. Diz aos amigos que esperem. O culpado está ali. Apanha o gato da pelúcia e aponta para ele. Os anões se convecem, Teimoso que diz / que não, não e bate com o pé e começa a dar uma busca pela casa. Subtamente puxa a cortina e dá com Branca de Neve. Silêncio. Imobilidade.

V O V Ó

Ah, agora sim. Teimoso tinha razão não podia ser o gato... / Mas, quem é essa moça? Os anões querem saber.

PANTOMIMA: Branca de Neve desperta. Pinga-Pinga, tremendo -/ apresenta-a aos anõesinhos. Estes olham desconfiados. Pinga-Pinga, mostra a cora que traz na cabeça. Faz uma reverência. Branca de Neve examina alegremente os anões. Faz também uma reverência. Pede para ficar. Os anões retribuem a reverência e confabulam. / Aproximam-se dela para dizer sim. Todos, menos teimoso, que não / quer. Bate com o pé e fica de longe desaprovando. Branca de Neve salta de alegria. Vai até Teimoso e dá-lhe um beijo. Afaga-o e / ele concorda também.

V O V Ó

Bom. Agora ela tem a licença dos anões para ficar morando / ali. Mas é preciso que atenda aos que eles dizem.

22

17

112
2~~XXXXXXXXXXXX~~

42

PANTOMIMA: Anões fazem recomendações sobre a porta, para que / Branca de Neve não a abra para ninguém. Que não deixe ninguém entrar. Branca de Neve diz que sim.

V O V Ó

Que não deixe ninguém entrar!

PANTOMIMA: Branca de Neve dança com Pinga-Pinga. Os outros anões comem cada um um bocadinho de comida. Bebem um gole de vinho e provam um doce. Depois vão buscar suas ferramentas, / dizem adeus e saem. Branca de Neve lhes diz adeus da janela. Pinga-Pinga retira a louça da mesa. Branca de Neve começa a / arrumar a casa. Mostra uma jarra a Pinga-Pinga. Pergunta pelas flores. Pinga-Pinga diz que não tem. Branca de Neve pede-lhe que vá buscar. Pinga-Pinga não quer. Branca de Neve entrega-lhe um Cesto e uma tesoura de jardineiro e pede-lhes flores.

V O V Ó

Branca de Neve acha que a casa ficará mais bonita com Flores. Lá vai o Pinga-Pinga buscar flores no campo...

PANTOMIMA: Sai Pinga-Pinga com cesto e tesoura, recomendando / outra vez que não deixe ninguém entrar, que feche a porta. / Branca de Neve, fecha a porta e continua arrumar a casa.

V O V Ó

Meus netinhos: Enquanto Branca de Neve se ocupa em arrumar a casa dos anõesinhos e esperava que Pinga-Pinga lhe trouxesse flores, saibam que uma coisa terrível estava acontecendo / no Palácio. E por quê? E quem é que estava atrapalhando a - / Branca de Neve? Esperem vou chamá-lo para que ele mesmo diga / (Para dentro) Espelho. Espelho. (Entra Espelho, capengando, triste, ajoelhando-se junto da vovó e começa a chorar) Ai, Ai, Ai ...mas o que é isto??

E S P E L H O

Fui eu que sem querer estraguei tudo. Fui eu. Ai, meu Deus.

V O V Ó

Como foi que estragou tudo?

~~XXXXXXXXXX~~

18

E S P E L H O

62

Quando a Rainha chegou perto de mim, estava contente. Mas contente mesmo, sabe, Vovó? Pensando que Botabaixo tinha matado / Branca de Neve. Então ficou na minha frente e disse: (Arremeda a voz da Rainha),

Diga fiel espelho meu
Que sempre foi verdadeiro
Mulher mais bela que eu
Haverá no mundo inteiro?

V O V Ó

E então?

E S P E L H O

Então eu não aguentei. Virei-me para ela e respondi:

Já tem, já tem, já tem,
Porque Branca de Neve não morreu. Fiaul!...

Ela ficou branca de raiva. Depois ficou vermelha, também de / raiva. Depois azul-marinho, depois verde, depois marrom...

V O V Ó

De raiva?

E S P E L H O

De raiva. Mandou prender Botabaixo. Veio para junto de mim / com os trapos velhos botou um nariz postiço, botou cabelos postiços.

V O V Ó

Tudo isso sem mudar de ~~uma~~ cor?

E S P E L H O

Tão roxa que parecia um doce de batata. E de raiva! parecia uma bruxa! Ficou horrorosa. Então quando estava bem feia, deu / uma risada e gritou: (arremeda a voz da Rainha) Agora Branca de Neve me pagará. Com esta maçã encantada hei de fazê-la dormir para sempre! Ah, Ah, Ah! Ela nunca saberá que sou eu, com / estas roupas velhas de mendigas! (Suspira fundo) Ai, meu Deus! Este foi o pior desta história. Nunca pensei que eu pudesse atrapalhar tanto a Princesinha! Mas, há uma esperança. Quem sabe se Branca de Neve descobre que é a Rainha?!

V O V Ó

20 X

Hum... quem sabe? Branca de Neve tem ordem de não abrir a porta para ninguém.

E X E X E M M

E S P E L H O

Ela não abrirá. Ela não abrirá.

V. O V Ó

Vejamos. (Apre-se o pano. Branca de Neve sacode um paninho -/ bordado na janela. Entra a Rainha disfarsada em mendiga. Bate a porta).

R A Í N H A

Quem quer comprar fitas, grampinhos, pentes, doces de leite / e outras coisas gostosas?

B R A N C A D E N E V E

Quem é?

R A Í N H A

Sou eu boa menina. Uma pobre velhinha que está vendendo umas coisinhas para comprar roupa e comida...

B R A N C A D E N E V E.

Ai, minha velhinha não posso abrir a porta.

R A Í N H A

Por quê? Perdeu a chave?

B R A N C A D E N E V E

Não. Eu prometi que não abriria esta porta para ninguém.

R A Í N H A

Ah, coitadinha. Tão linda e prisioneira!

B R A N C A D E N E V E

Como é que a senhora diz que sou linda se não me viu?

R A Í N H A

Ví, sim. Eu tenho aqui uns óculos encantado que fazem a gente ver através da parede.

B R A N C A D E N E V E

Ah, deve ser formidável.

R A Í N H A

Abra a porta que lhe mostro

B R A N C A D E N E V E

Não posso. Eu prometi e não abro mesmo...

R A Í N H A

Que pena. Mas Pinga-Pinga não há de zangar somente somente /

45
21

porque você abriu a porta para uma pobre velhinha.

BRANCA DE NEVE

Como é que a senhora sabe que aqui mora alguém que se chama /
Piaga-Pinga.

RAÍSSA

Porque tenho aqui uma romã encantada que conforme vou comendo
vou sabendo de tudo que se passa no mundo....

BRANCA DE NEVE

Ah, deve ser formidável.

RAÍSSA

Abra a porta que lhe dou um pedacinho!

BRANCA DE NEVE

Ai, não posso. Prometi e tenho que cumprir.

RAÍSSA

(Olhando a casa e descobrindo a janela) Então venha falar com
migo aqui.

BRANCA DE NEVE

Ah, é mesmo a pobre velhinha! Desculpe não dizer-lhe que entre
Mas, a senhora sabe eu prometi, não é?

RAÍSSA

Está bem, Está bem. Mas nós podemos conversar daqui mesmo. Ve-
ja que lindo pente... que lindo hem?...

BRANCA DE NEVE

Lindo.

RAÍSSA

E você minha menina, saiu de casa sem sequer trazer um pente!

BRANCA DE NEVE

É verdade. Como sabe?

RAÍSSA

Já lhe falei da romã

BRANCA DE NEVE

Ah, eu gostaria tanto de provar dessa romã.

RAÍSSA

Para quê?

BRANCA DE NEVE

Para saber se o Príncipe gosta de mim...

RAÍSSA

Ah, ah, ah. Pois aqui está, tire uns bagos e prove.

46/

BRANCA DE NEVE

94 22

(Estende o braço e depois se detém) Não. Não é direito.

RAÍHA

Por quê?

BRANCA DE NEVE

Porquê eu não tenho dinheiro para lhe pagar...

RAÍHA

Eu vendo fiado...

BRANCA DE NEVE

Não, senhora. Não posso.

RAÍHA

É pena. São doces, são muito docinhos êstes pagos de romã. /-
(Suspira) Mas, já que não pode, paciência. (Transição) Será que/
podelia me dar um copo de água? Estou com tanta sede.

BRANCA DE NEVE

Pois não. (Corre à moringa, enche a camacuita e oferece à Raíha, que bebe).

RAÍHA

Obrigada. Como é boazinha. Olhe para retribuir ôsse dopo de /
água vou lhe fazer o presente de uma maçã.

BRANCA DE NEVE

Não posso aceitar. Muito obrigada.

RAÍHA

Por quê? Será que pensa que esta maçã está bichada?

BRANCA DE NEVE

Não, não penso isso. Mas é que...

RAÍHA

Ah, então não quer aceitar nada de mim, só porquê sou uma po-
bre velha. Você parecia tão boazinha, mais não passa de uma meni-
na orgulhosa

BRANCA DE NEVE

Não diga isso. Não é orgulho, não...

RAÍHA

Então aceite ao menos um pedaço. E para provar que não tem bi-
bicho vou comer o outro pedaço. (Apanha uma maçã e entrega uma me-
tade a Branca de Neve, em seguida morde o pedaço que ficou em sua
mão) Viu? Pode comer que não tem nada!

BRANCA DE NEVE

Muito obrigada. (Morde a maçã e na mesma hora cai pra trás)

R A I N H A

Ah, Ah, Ah, Ah, dei-lhe o pedaço encantado minha idiotazinha. E agora quero ver que é que poderá salvá-la. Ah, ah, ah, acabou-se a Branca de Neve... (Sai dando gargalhadas e carregando a cêsta. Mal acaba de sair entra Pinga-Pinga carregando uma porção de flôres. Vem alegre, assobiando.)

P I N G A - P I N G A

Branca|Branca de Neve|Olhe que flôres bonitas que encontrei no campo. (Vê Branca de Neve caída e procura levantá-la) Que é isto? Que é que você tem? Meu Deus, Morreu, Socorro|Socorro|...

P a n o

F I M D O T E R C E I R O A T O

48
/~~110~~

E P Í L I G O

24

V O V Ó

E o Príncipe? Querem saber dele? Andava, coitado à procura de Branca de Neve, sem saber onde estava ela. Enquanto isso, os anõezinhos arrumaram uma cama forrada de flôres e ali deixaram Branca de Neve. / Pensavam que estava morta... Ora, vejam o que aconteceu.

SOBE O PANO. Na floresta, Branca de Neve está imóvel / deitada no seu leito mortuário. Pinga-Pinga faz plantaõ junto do corpo. De vez em quando olha para Branca de Neve e enxuga uma lágrima.

PINGA-PINGA

Ai, ai, ai, Pobrazinha da Branca de Neve. Já vieram as fadas e ficaram bem triste. Chamamos o anaõ mais sãõ da floresta e êles não conseguiu salvar a Princezinha. Ai, ai, ai, Nem as fadas nem os sábios conseguiram nada. Ai, ai, ai, Nem os gênios da floresta sabem o que é isto... ai, ai, ai! (Solta um gemido de cachorro machucado. Entra o Principe)

PRÍNCIPE

Ah! está aqui a minha Branca de Neve.

PINGA -PINGA

Ai ,ai, ai,... (Outro ganido de cachorro ferido)

PRÍNCIPE

Que é isso, Pinga Pinga? Que foi que aconteceu ?

PINGA-PINGA

Seu Principe, vejaque judiação . Parece que está morta...

PRÍNCIPE

Ela terá que ficar boa. Terá que viver outra vez.

PINGA-PINGA

Aiiiiiii!

PRÍNCIPE

Deverá existir alguém que saiba como fazer com que ela fique / Boa . (Pensativo) Conheço uma história em que a Princesa acordou / quando a Princesa lhe deu um beijo!

PINGA..PINGA

(Subtamente alarmado) Mas, aqui nesta história, isso não entra / E estou aquí de guarda para não deixar ninguém entrar perto dela!

~~PRINCE-PRINCE~~

PRINCIPE

Mas é um remédio tão fácil, não custa experimentar!

PINGA-PINGA

Não senhor. (Geme) Aiiiiiiiiiii(Entra a Aia).

A I A

Que isso? Ah, minha Branca de Neve, Ai, coitadinha. Não há ninguém que saiba de remédão para ela?

PRINCIPE

Eu sei de um, mas Pinga-Pinga não permitiu.

A I A

Qual é? (Ao Anão) Que remédio é esse senhor Pinga-Pinga?

PINGA-PINGA

Ele diz que conhece uma história em que uma Princesa acorda/ quando um Príncipe lhe dá um Beijo. Mas eu não deixo que Príncipe nenhum qhe dê um beijo, estou tomando conta e quem manda sou eu.

A I A

Já ouvi falar nessa história ... Quem sabe se dará resultado?

PINGA-PINGA

Não senhora. Aiiiiii! (Entram os Anões e rodeiam a cama de Branca de Neve. Ficam tristes cada vez que Pinga-Pinga diz "ai" eles abanam a cabeça).

A I A

Pergunte os anõesinhos o que é que eles acham. (Tomando a iniciativa) O Príncipe sabe duma história em que a Princesa ficou - boa quando recebeu o beijo de um Príncipe. Quem sabe... (Diante/ da impassividade dos anões vai perdendo o entusiasmo)

Quem sabe não é? aqui não tem um Príncipe, ali está uma Princesa que parece morta... Eu também conheço a tal história em que o Príncipe chega e... (Solta um beijo no ar) e a Princesa, pronto./ Fica boa!

PINGA-PINGA

E eu conheço uma outra história em que um anõesinho dá uma -/ surra muito grande numa Aia, só porque ela era faladora.

X X X

50

A I A

262

Ai, meu Deus! Não me bata que estou fraquinha, mesmo. Só agora a Rainha me perdoou. E me tirou o castigo...

P R Í N C I P E

Deixem de brigas e pensem num modo de salvar a Princesa. (Anda de um lado para outro) É preciso que ela fique boa.

P I N G A - P I N G A

Aiiii (Entra Espelho).

E S P E L H O

Os anões escolheram um lugar difícil de achar. Mas, isso não é nada. Falta o mais importante que é achar o remédio para ela. Eu/pensei...

P I N G A - P I N G A

Beijar não adianta.

E S P E L H O

De fato. Isto não pertence a uma outra história... (Os anões / sentam-se em fila e abanam dizendo que não) Mas eu sei de um remé / dio?

A X X X X

A I A

Qual é?

P R Í N C I P E

Qual é? Eu lhe darei o meu Castelo se fizer Branca de Neve sar / rar.

P I N G A - P I N G A

Qual é? Você sabe mesmo Espelho?

E S P E L H O

Eu conheço a pessoa que pode salvá-la. Mas o Príncipe consegui- / rá trazê-la aqui!

P R Í N C I P E

Irei até o fim do mundo. Que é? É só dizer!

E S P E L H O

A Rainha.

P R Í N C I P E

Aquela mulher tão má?

51

E S P E L H O

27º

Ela mesma. Está muito contente no palácio e diz que não quer/ saber de Branca de Neve. Ah, se o nosso Rei estivesse aqui isto/ não teria acontecido.

A I A

Bem que eu não queria que ele fosse viajar. Depois que ele sa-
iu aquêlo Castelo não vale nada!...

E S P E L H O

Cale a boca, Aia. (Para o Príncipe) Só o senhor poderá trazê-la aqui!

P R Í N C I P E

Eu tenho horror daquela mulher. HORROR.

E S P E L H O

Mas é preciso salvar a Princesa. É ou não é?

P R Í N C I P E

(Conformado) Que é que eu não devo fazer?

E S P E L H O

Volte para o Castelo e convide a Rainha para dar um passeio/ pelo bosque e não se esqueça de dizer que ela é a mais bela Rai-
nha do mundo. Não se esqueça!

P R Í N C I P E

Está bem... Direi. Ela vem comigo. E depois?

E S P E L H O

Depois, veremos.

P R Í N C I P E

Está bem. Vou buscar a Rainha. (Despede-se de todos) Até já.

A I A

(Desanimada) Não faço fé nesse remédio. A Rainha não fará nada para curar Branca de Neve.

E S P E L H O

Não seja tola. (Em segredo) Botabaixo saiu da prisão.

A I A

Não diga a Rainha perdoou?

E S P E L H O

Perdoou nada ele fugiu. (Convencido) Com a minha ajuda...

A I A

Ah... que bom para ele. (Outra vez, desanimada) Mas não faço fé nesse remédio da Rainha... E Botabaixo também não vai adiantar nada, para Branca de Neve. Coitadinha.

52

E S P E L H O

282

Você é boba mesmo! Não vê que Botabaixo vai ajudar muito?

A I A

Como?!

E S P E L H O

Espere, ele não deve tardar... Aí vem ele (Entra Botabaixo, afobado) Então, achou o feiticeiro?

B O T A B A I X O

O feiticeiro mora no alto de um coqueiro que fica no alto de uma ~~montanha~~, rocha, que fica no alto de uma montanha, que fica no alto...

E S P E L H O

(Friamente) Chega. Você encontrou o feiticeiro ou não?

B O T A B A I X O

Encontrei. Eu subí no alto do planalto que tem uma montanha - no alto, que tem um rochedo no alto e fui no alto do coqueiro. / (Pausa) Ele estava lá.

A I A

Ele era alto?

B O T A B A I X O

Altíssimo. Eu batia assim no joelho dele.

E S P E L H O

(Irritado) Trouxe o filtro milagroso ou não?

B O T A B A I X O

(Desaforado) Então você acha que eu ia subir no alto do Planalto que tem uma montanha no alto, que tem um rochedo no alto, que tem um coqueiro no alto, com um feiticeiro tão alto em cima e - / não havia de trazer o filtro? (Tira um vidrinho do bolso) Está / aqui. E a Rainha?

E S P E L H O

Vem já.

A I A

Ela vai chegar aqui feito uma fera.

E S P E L H O

Nada disso... Vai chegar muito contente da vida. O Príncipe / vem com ela. (Para Botabaixo) Você bebeu o filtro? Já deu algum resultado?

B O T A B A I X O

Bebí três goles, mas, até agora, não senti nada.

E S P E L H O

O feiticeiro não explicou?

B O T A B A I X O

Ele me disse que assim. (Imita a fala do feiticeiro) "Bebe 7 três goles dêste filtro e depois des cansa um pouco. Dentro de tua cabeça soarão três apitos. No primeiro apito, saberá onde está. No segundo, irá buscar. No terceiro, trará. Se não fizer efeito repita a dose..."

A I A

Que mistério. Saberá onde está, irá buscar, depois trará. /
Que é isso agora?

E S P E L H O

Ele não pode dizer, senão não faz efeito.

A I A

Se não fizer efeito ele repete a dose.

B O T A B A I X O

Você pensa que eu vou ficar bebendo esse negócio o dia inteiro, só porque uma Aia abelhuda quer sabaer o que é que eu vou saber,, apanhar e trazer?

A I A

Que é que tem? Parece xarope?

B O T A B A I X O

:: Tem gosto de sete amarguras misturadas com cebolas. Quer /
provar?

A I A

Não. Não me importo com amargura, mas, cebolas não aguento.

E S P E L H O

Pois então, cale-se, ouviu?

A I A

Por quê não podemos ficar conversando até a cabeça dele apitar?

B O T A B A I X O

Não senhora, Quero apitar sossegado. (Senta-se. Sentam-se todos menos Pinga-Pinga que continua em guarda. Silêncio. Subitamente ouve-se um prolongado apito. Botabaixo dá um salto) /
Já vou buscar(sai correndo.)

B O T A B A I X O

Bebí três goles, mas, até agora, não sentí nada.

E S P E L H O

O feiticeiro não explicou?

B O T A B A I X O

Ele me disse que assim. (Imita a fala do feiticeiro) "Bebe 7 três goles dêste filtro e depois des cansa um pouco. Dentro de tua cabeça soarão três apitos. No primeiro apito, saberá onde está. No segundo, irá buscar. No terceiro, trará. Se não fizer efeito repita a dose..."

A I A

Que mistério. Saberá onde está, irá buscar, depois trará. /
Que é isso agora?

E S P E L H O

Ele não pode dizer, senão não faz efeito.

A I A

Se não fizer efeito ele repete a dose.

B O T A B A I X O

Você pensa que eu vou ficar bebendo esse negócio o dia inteiro, só porque uma Aia abelhuda quer sabaer o que é que eu vou saber,, apanhar e trazer?

A I A

Que é que tem? Parece xarope?

B O T A B A I X O

:: Tem gosto de sete amarguras misturadas com cebolas. Quer /
provar?

A I A

Não. Não me importo com amargura, mas, cebolas não aguento.

E S P E L H O

Pois então, cale-se, ouviu?

A I A

Por quê não podemos ficar conversando até a cabeça dêle apitar?

B O T A B A I X O

Não senhora, Quero apitar sossegado. (Senta-se. Sentam-se todos menos Pinga-Pinga que continua em guarda. Silêncio. Subitamente ouve-se um prolongado apito. Botabaixo dáum salto) /
Já vou buscar(sai correndo.)

AIA

Eu não estou entendendo nada. (Outro apito, agora mais adiantado) E ele vai trazer. O que será?

E S P E L H O

Cale a boca a Rainha vem aí...

R A Í N H A

(Entra, de braços com o Príncipe, olhando para ele conversando sem reparar para onde vai) Eu sempre pensei: um dia o Príncipe me convidará para dar um passeio pelo bosque... Sempre - pensei isso...

P R I N C I P E

Eu sempre desejei trazer aqui a mais formosa Rainha do mundo!

R A Í N H A

(Risonha e depois furiosa) Ah... Mas que é isto? Ah, vocês me enganaram. Que faz aqui o meu Espelho Mágico? E você Aia? Todos já para o Castelo. Vou mandar prendê-los todos. Irão para o calabouço. E os anõesinhos também.

E S P E L H O

Quem está presa é senhora. Queira desculpar, Majestade, - mas está presa.

A I A

Prêsa. Prêsa. Prezinha da Silva. (Todos a seguram).

R A Í N H A

Que desafôro! E até o Príncipe está envolvido nisso!

P R I N C I P E

Estou nisso desde que começou a história!

R A Í N H A

E você, escravo meu? (Indignada com o Espelho) Ah, se o Botabaixo estivesse aqui! Se ele estivesse aqui vocês veriam!

A I A

Botabaixo vem aí, Majestade. De todos nós quem mais tem dado é ele. Foi no alto dum Planalto, que tinha uma montanha/no alto, com um feiticeiro bem alto com um alto coqueiro na cabeça!

E S P E L H O

Você está atrapalhando tudo, Aia. Mas, de fato o Botabaixo vem aí (Entra Botabaixo com um enorme coração na mão)

B O T A B A I X O

Aquí está ele. Puxa! custei a voltar porquê tive que consertar o coração dela. (Mostra o coração da Rainha com um remendo pregado com esparadrapo) O Feiticeiro que roubou o coração da Rainha colocou-o debaixo de uma pedra. E a pedra fez um calo no coração.

E S P E L H O

Por isso a Rainha era tão má. Você tirou o calo?

B O T A B A I X O

Tirei, sim, O coração está remendado, mas funciona direito! (Aproxima-se da Rainha, e entrega-lhe o coração) Coitada. Vai estranhar mais do que eu. Imagine que estava novinho/ em folha. Nunca tinha sido usado.

A I A

Chi... Então ela vai fazer alguma bobagem!

E S P E L H O

Qual nada, pode entregar-lh o coração.

R A I N H A

Não quero, não quero. Tire esse travesseirinho de perto de mim que vai sujar o meu vestido. (Sob os protestos da Rainha, Botabaixo coloca-lhe o coração no peito, ou seja pendura-o no pescoço. O coração começa a bater novamente. Afastam-se todos ficam de um lado. A Rainha fica de um lado, e parece despertar de um sonho. Muda de voz e fala com docura) Eu gosto desta terra, destas árvores; Eu gosto dos bichinhos, até dos mais pequeninos. Mas, acima de tudo gosto das crianças. São tão lindas. Tão engraçadas. Eu me lembro de uma criança que era mais linda que todas. Tinha os cabelos negros como o ébano. Seu nome era... Branca de Neve. (Assustada) Branca de Neve. Deve estar mocinha agora. Onde andar´ ela? Branca de Neve minha filha, onde estás?

A I A

(Afobada) Alí. Alí.

R A I N H A

Minha querida. Mas, que tem ela? Estádoente? Que aconteceu?

E S P E L H O

Uma Rainha muito má lhe deu um pedaço de maçã encantada para comer...

R A Í N H A

Oh, pobresinha. Mas sendo assim é muito fácil de curá-la

P R Í N C I P E

Que é preciso fazer?

R A Í N H A

Eu a segurarei. E o Príncipe lhe dará três pancadinhas na/
costas...

P R Í N C I P E

Então andemos depressa, (A Rainha segura Branca de Neve e/
faz com que ela se sente. O Príncipe dá-lhe três pancadinhas/
nas costas. Branca de Neve cospe o pedaço da maçã e ergue-se/
ao ver a Rainha. Leva um susto e afasta-se com medo)

E S P E L H O

Não é preciso mais ter medo dela. Está completamente cura-
da. Tem agora um coração bem grande que funciona direitinho..

...

R A Í N H A

Venha cá, minha filha. (Abraça-a e beija-a)

B R A N C A D E N V E

Que bom. Que bom! É como se eu estivesse ganho outra mamãe.

R A Í N H A

E ganhou, mesmo. (Abraça o Príncipe) Meus filhos que aleg-
ria vai ter o Rei quando souber que vocês dois vão se casar.
(Repentinamente) E quem é essa malvada Rainha que teve a ruí-
dade de dar-lhe uma maçã encantada?

A I A

É... É... Foi... Bom, não existe mais!

R a A Í N H A

Ah, ainda bem. Meu coração doi só em pensar que uma como vo-
cê sofreu tanto!

E S P E L H O

Atenção, atenção Botabaixo. O coração da Rainha está crian-
do filhotes. Uma porção de coraçõesinhos vão aparecer por aí.
Atenção, Botabaixo onde estão eles?

A I A

Bebe o xarope depressa.

P I N B A - P I N G A

(Bebe um golinho e apita logo) Há corações à direita, cora-
ção à esquerda, coração pela sala toda, corações para as cri-

anças todas. (Os anõesinhos deverão descer às escadas e oferecer pequeninas balas em forma de coração)

V O V Ó

E assim, meus netinhos, acabou-se a história...

F I M F I M

F I M



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
- b) Título original: O MESMO
- c) Autor: LÚCIA BENEDETTI
- d) Tradutor: _____
- e) Diretor: _____
- f) Produtor: _____
- g) Companhia: TEATRO EXPERIMENTAL DO MARANHÃO
- h) Classificação da Censura: LIVRE - RECOMENDADO PARA MENORES

II) Análise

- a) Gênero: INFANTIL
- b) Argumento: CONHECIDA HISTÓRIA DE BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕEZINHOS DA FLORESTA, COM ALGUMAS MODIFICAÇÕES INTRODUZIDAS.
- c) 1 - Mensagem: DE AMOR, DE BONDAD E AFETO.
- 2 - Impressão final: ÓTIMA
- d) Diálogos: ACESSÍVEIS A QUALQUER PÚBLICO.
- e) Cenas: ADEQUADAS, PELO SCRIPT.

f) Personagens: PRÓPRIOS DE CONTOS INFANTIS

g) Valor educativo: _____

III) Conclusão _____

PEÇA INDICADA PARA PÚBLICO INFANTIL, SOB
TODOS OS ASPECTOS.

Brasília, 10 de JUNHO de 19 70

Flavio
Técnico de Censura - Cart. nº 058-DF

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada com o parecer do -
Técnico de Censura Credenciado ANTONIO DE PADUA CARVALHO ALVES, que a
examinou, a documentação esta em ordem.

TÍTULO :- BRANCA DE ~~NE~~ NEVE E OS SETE ANÕES

AUTOR :- LUCIA BENEDETTI

REST. :- LIVRE

EM, 11-06-70

TCTC-SC-SCDP

*de acordo
final
11.6.70*

*here
11/6/70*



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0213, p-69

60

CENSURA FEDERAL

TEATRO



Certificado Nº 2657/70

PEÇA -:::/ BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES /:::-

ORIGINAL DE LUCIA BENEDETTI

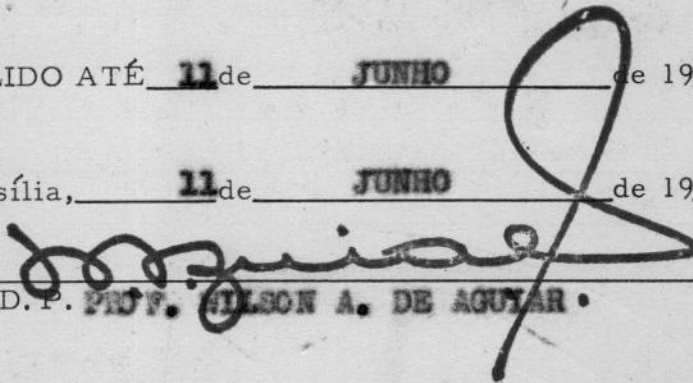
APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 11 de JUNHO de 1975

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 11 de JUNHO de 1970

LIVRE


Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON A. DE AGUIAR.

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0213, p. 70

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 83, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -!!!/ BRANCA DE NVE E OS SETE ANOS /!!-

Original de LUCIA BENEDETTI

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de TEATRO EXPERIMENTAL DO MARANHÃO - MA.

Tendo sido censurada em 11 de JUNHO de 1970 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE.-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VALIDO QUANDO ACOMPAANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 11 de JUNHO de 1970

CHES DA SEÇÃO DE CENSURA

DPE, SAy, 7034-EFS



Mauro Miranda Ferreira
MAURO MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

61

297-TCTC

11 - 06 - 70

Chefe do SCDP

Sr.Chefe da TCDP/MA

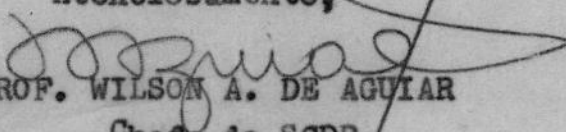
Providências (solicita)

Sr.Chefe,

Solicito suas providências, no sentido de que sejam cumpridas por essa TCDP, as seguintes de terminações de caráter técnico d^{este} Serviço:

1. assistir ao ensaio geral da peça " BRANCA DE NE VE E OS SETE AN^{OS}ES ", autoria de Lucia Benedetti;
2. deverá ser enviado a êste SCDP, relatório minucioso a respeito do ensaio geral, porém os certificados poderão ser entregues e a peça liberada para exibição, caso a classificação concedida por êste/ Serviço esteja de acôrd^o com o observado durante a encenação.

Atenciosamente,


PROF. WILSON A. DE AGUIAR

Chefe do SCDP.

PROC.-	395A
LIV.-	01
PAG.-	83
REG.-	2.659

MJ - DPF - DCDP	
ARQUIVO	
N.º PROTOCOLO:	59766
PRACA:	CAMPO GRANDE-MT
JÁ LIBERADA:	Sim
IMPROPRIEDADE:	LIVRE
N.º CERTIFICADO:	2.659
TÉRMINO VALIDADE	1/19

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

LÚCIA BENEDETTI



3001 1354 22 059766

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Superintendência Regional no Estado de Mato Grosso

Of.nº 1549SCDP/73

Do Superintendente Regional/DPF/MT C. Grande, em 17.10.73

Ao Sr.Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto Peças teatrais (encaminha)

Senhor Diretor:

Encaminho a V.Sa., as peças teatrais: "O exército de - /
Candura", "A Gata Borralheira", "Branca de Neve e os sete anões",
"A Família Metralha", "A Volta do Camaleão Alface", "A Princesa
Dengosa", a fim de serem submetidas a censura dessa Divisão de
Censura de Diversões Públicas.

Em anexo seguem as guias de recolhimento das peças que
não são inéditas, bem como os scripts em três vias.

Na oportunidade reitero protestos de estima e considera
ção.

Gen. Amadeu Anastácio

Sup.Regional /SR/DPF/MT



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Superintendência Regional no Estado de Mato Grosso
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Relatório

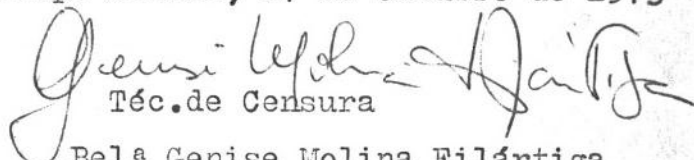
PEÇA TEATRAL - A princesa dengosa-autor:Paulo Ronay

ENSAIO GERAL - Em 10.10.73 -Na sede das Bandeirantes, foi realizado o ensaio geral da peça supra citada, tendo sido fiel ao texto aprovado di
go original.
Não se verificou nada de anormal, havendo
um cenário simples , com indumentárias ade
quadas a época.

PEÇA TEATRAL - Branca de Neve e os sete anões-autoria de
Lúcia Benedetti.

ENSAIO GERAL - Em 11.10.73 -Na sede das Bandeirantes, foi realizado o ensaio geral, nada se registran
do de anormal.O script original foi obedeci
do, tendo-se realizado tudo em perfeita
ordem.

Campo Grande, 17 de outubro de 1973


Téc.de Censura
Bela Genise Molina Filártiga.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA

REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70

Nº 25203

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: *A princezinha de ouro e Branco de Neve e os sete anões*

Original de

Música de

Tradução de

No Teatro

Cidade

Empresa

nos dias

sob condição de pagamento dos respectivos direitos

Pela Cia

da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ 120,00 por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Loampo Grande 26

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Dar-se-á a mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Loampo Grande 26
de 1973

pl. M. Machado
(pela SBAT)





DISTRITO DE CAMPO GRANDE
FEDERAÇÃO DAS BANDEIRANTES DO BRASIL
REGIÃO EM FORMAÇÃO DE MATO GROSSO
RUA RIO BRANCO, 1620
CAMPO GRANDE — MATO GROSSO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0213, p. 76

66
[Handwritten signature]

Exm^o. Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.
Edifício B.N.D.E.
Brasília - DF.

A Federação das Bandeirantes do Brasil, Distrito de Campo Grande, Região em Formação de Mato Grosso através de sua presidente, vem mui respeitosamente solicitar censura da seguinte peça do Teatro Infantil:

- 1- Nome da Peça: A Branca de Neve e os sete anões
- 2- Lúcia Benedetti - Autora
- 3- Gênero: Drama Infantil

Estamos anexando à presente 3 vias da peça e os recibos da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) devidamente quitados.

Pretendemos realizar o Segundo Festival de Teatro Infantil (II^o FESTIN) nos dias 12, 13, 14 de outubro em Campo Grande das 15:00 às 18:00 hs.

Esperando com uma certa brevidade uma resposta, enviamos nossas congratulações Bandeirantes - SERVIR.

Nestes Termos
P. Deferimento

Campo Grande, MT., 14 de setembro de 1973

Nair Coimbra Motta
NAIR COIMBRA MOTTA - PRESIDENTE

TEATRO

TÍTULO BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

1) S. ARQUIVO

Documentação Em OrdemClas. Anterior LIVREPraça CAMPO GRANDE - MT

Obs.: _____

DF. 24/10/93

Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

Sr. Diretor.
De acordo com
o parecer - 9886/73
livre.

Em: 09-11-73

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

O mesmo como parecer 9886/73, ressalva-se o conteúdo assinalado.

Envia-se, em consequência, a certificação - Livre, com breves comentários, e, também, ao assinar o al.

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-S /DCDP

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em: 09/11/1973

Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Divisão de Censura de Diversões Públicas

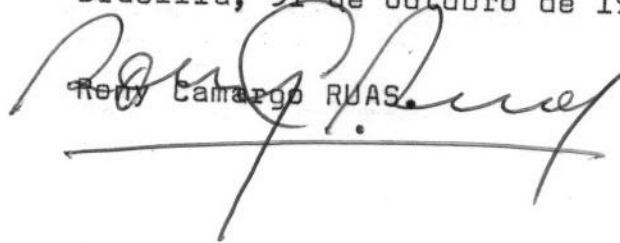
P a r e c e r Nº 9886 / 99

Texto teatral: "Branca de Neve e os Sete Anões".

Autora : Lúcia Benedetti.

Confrontado o texto ora apresentado com aquele que mereceu liberação sem restrições, verifiquei serem idênticos. Proponho a manutenção da chancela "LIVRE", observado o corte ou a substituição da única palavra / assinalado na primeira folha do Epílogo.

Brasília, 31 de outubro de 1973.


Rony Camargo RUAS

69

1.106/73-SCTG/SC/DCDP

07 novembro 3

Superintendente Regional do DFF em Mato Grosso

"BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES"

LÚCIA BENEDETTI

Superintendente:

Campo Grande/MT

FVAN/fd

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0213 08-11

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0213 08-11

LUCIA BENEDETTI

2.657/73

FEDERAÇÃO DAS BANDEIRANTES DO BRASIL - 1ª SEÇÃO DE ACARAB :
BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

MAIR COIMBRA MOTA

OUTUBRO 21

LUCIA BENEDETTI

L. I. V. E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRE-
SENTE CERTIFICADO SOMENTE TEM VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"

DESEMPENHAMENTO CARIMBADO 11/03/75

[Handwritten signature]

LIVRE

[Handwritten signature]
09 NOVEMBRO 73
ROBERTO LUNES

[Handwritten signature]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0213,p.8
BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

LÚCIA BENEDETTI

FEDERAÇÃO DAS BANDEIRANTES DO BRASIL - MT -

NAIR COIMBRA MOTTA

31 OUTUBRO

73

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRE-
SENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" !
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

09

NOVEMBRO

mhf

Benevenuti

78

PROC.-	395-A
LIV.-	01
PAG.-	83
REG.-	2657

MJ - DPF - DODP	
ARQUIVO	
Nº PROTOCOLO:	68794
PRACA:	Uberaba MG
JÁ LIBERADA:	sim
IMPEDIMENTO:	Livre
Nº CERTIFICADO:	2657
TERMINO VALIDADE:	/ / 19

Branca de Neve e os sete Anões

Lúcia Benedetti

MJ-DFP-SRA/BSB

- 8 NOV 10 30 N 068794 79

RECEBIDO POR:

Exmo. Sr.

DR. ROGÉRIO NUNES

MD. Chefe do Dpto. de Censura Federal

Divisão de Diversões Públicas

BRASILIA - DF -

Ilmo. Sr.

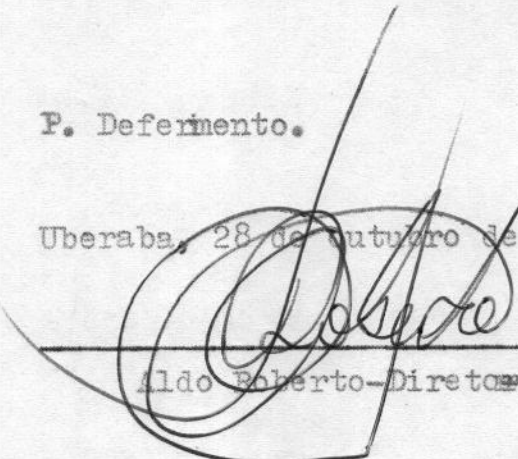
Eu, abaixo assinado, ALDO ROBERTO DA SILVA, brasileiro, solteiro, maior, residente e domiciliado na cidade de Uberaba, Diretor Artístico da "A.R.P.A.", ALDO ROBERTO PRODUÇÕES ARTÍSTICAS, vem mui -
respeitosamente à presença de V.Excia., com o propósito de solici-
tar o Certificado de Censura, para peça infantil de autoria de LÚ-
CIA BENEDETTI, "Branca de Neve e os 7 anões".

Para tanto, anexa ao presente, 3 (três) vias do texto da peça su -
pra citada.

Nestes termos,

c P. Deferimento.

Uberaba, 28 de outubro de 1974.


Aldo Roberto-DiretorConfere
assinatura

Reconhecida como de Utilidade Pública
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto
— de 1920. —



Filiada à Confederação Internacional das
Sociedades de Autores e Compositores,
— de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97-3.º andar.
End. Teleg.: SBAT-RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0213, p. 84

Direitos de Representação

Autorização Nº 146544

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: *Branca de neve e os sete anões*

Original de *Rúcia Benedetti*

Música de

Tradução de *mesma*

No Teatro *Experiência*

Cidade *Uberlândia*

Empresa *Alto Roberto*

Pela Cia. *Produção Artística*

nos dias

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de *12% (doze)* da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Uberlândia, *16* de *Setembro* de *1974*

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.
— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

TÍTULO Branca de Neve e os sete Anões

81

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordem

Clas. Anterior Libre

Praça Uberaba - Minas Gerais

Obs.: _____

DF. 11 / 11 / 74

[Assinatura]
Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer nº 22118/74, encaminhase:

1 — A S. Exp. para emitir o Certificado (clas. livre) sem cortes, mas condiciona do ao exame do ensaio geral.

2 — A Consideração do Sr. Chefe do Serv. de Censura.

Em 27/11/74 —

[Assinatura]
Chefe Subst.

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE.
na forma do parecer

Em, 29 / 11 / 74

[Assinatura]
Manoel Francisco Clavary Unido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

82
/PARECER Nº 22118 174TÍTULO: Branca de Neve e os Sete Anões.CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Peça já diversas vezes liberada por este Departamento. Confrontando o presente texto com os já liberados e constatado sua semelhança, opino pela manutenção da chancela de LIVRE.

Brasília, 18 de novembro de 1974.

João Camelier
João Camelier
T.Cens.

988/74-SCTC/SC/DCDP

29/11/74

Diretor da Divisão de Polícia Federal em Uberaba-MG

" BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES "

Lúcia Benedetti

Diretor:

Uberaba-MG

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

LÚCIA BENEDETTI

2.657/74

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

74

NOVEMBRO

18

L. V. E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

LÚCIA BENEDETTI

DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCCP. PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"

29 NOVEMBRO

79

29 NOVEMBRO

74

ROGÉRIO NUNES

LIVRE

: BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

: LÚCIA BENEDETTI

5.657/74

: ALDO ROBERTO PRODUÇÕES ARTÍSTICAS - MG - BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES :

16 NOVEMBRO 74

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O

PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: ALDO ROBERTO DA SILVA

29 NOVEMBRO 74

MHF

Manoel Francisco C. Guido

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.